

«Ao agredir o presidente da maneira brutal por que o estão fazendo, apresentando-o ao povo como um títere dos interesses americanos, os comunistas lançam-se a uma provocação cujo objetivo é envolver tôdas as liberdades democráticas, numa represália que o General Dutra pudesse tomar, na defesa da sua honra pessoal ofendida». (De "O Jornal", de ontem).

Discurso do Senador Ivo d'Aquino em resposta ao Senador Getúlio Vargas

O SR. IVO D'AQUINO — Sr. do pelo nobre senador, com a altu- Presidente, conforme declarei ao Senado já há vários dias, colhi elementos e estudava a par deles, o discurso pronunciado nesta Casa pelo nobre Senador sr. Getúlio Vargas, para poder responder-lhe. Como, nesse discurso, s. excia. tocou de perto problemas econômicos e financeiros, que somente podem ser apreciados dentro de moldes que se não compadecem da oratória fácil e apressada, por isso mesmo preferi repousar o meu entendimento para que, nas minhas palavras, nada fosse além do desejo de tratar o assunto versa-

Evidentemente, na minha resposta, nada há, nem poderia haver de pessoal, mas, por outro lado, não me posso furtar, nos comentários que vou fazer, a situar os assuntos nas suas devidas épocas. E, no estudo dos fenômenos econômicos e financeiros, procurei demonstrar sua sede e sua fonte de origem. Ainda há poucos dias, nesta Casa, o sr. senador Vitorino Freire pronunciou um brilhante discurso... O sr. Vitorino Freire — Bonda- de de v. excia. O SR. IVO D'AQUINO — pela

forma e pelo conteúdo, no qual posso dizer, vitoriosamente comen- tou e rebateu vários tópicos do discurso pronunciado pelo eminente representante do Rio Grande do Sul. Não fossem os problemas financeiros e econômicos tão dilata- dos, não seria o campo dos fatos, de- batar, nas afirmações do discurs- so do nobre senador Getúlio Var- gas, motivos para outros comentá- rios e uma exposição, se não dife- rente, pelo menos subsidiária da que foi feita nesta Casa pelo sr. senador Vitorino Freire.

grafia "A ilusão da moeda estável." Estudando ele, em resumo, a história da moeda nos Estados Uni- dos durante o curso de um século, expôs naquele livro, as causas das diferentes inflações e deflações ve- rificadas naquele país.

"Eis alguns casos, que resu- mem a história da moeda dos Estados Unidos durante cerca de um século. Em cada um desses casos, a inflação ou a deflação foi ao mesmo tempo absoluta e relativa e consti- tuíu o fator dominante para a alta ou a baixa dos preços. 1º — Inflação: 1849 — 1860. Grandes entradas de ouro da Califórnia e da Austrália.

2º — Inflação ainda: 1860 — 1865. Durante a guerra de Secessão, emissão crescente de "greenbacks".

3º — Deflação: 1865 — 1879. Após a guerra de Secessão, redução do número de "green- backs", que finalmente se tor- nam convertíveis em ouro.

4º — Deflação ainda: 1879 — 1896. Leve diminuição da produção do ouro, coincidindo com a procura crescente desse metal, devido à mudança do padrão bimetalico (ouro e prata) para o padrão ouro, em vários Estados.

5º — Inflação: 1896 — 1914. Início da exploração de novas minas de ouro, introdução do tratamento dos minerais pelo cianureto. Grandes entradas de ouro do Colorado, de Alas- ka, do Canadá e da África do Sul.

6º — Inflação ainda: 1914 — 1917. Durante a guerra- inflação na Europa, sob a forma de papel moeda. Na Amé- rica sendo recusado esse papel moeda para o pagamento de munícipes e viveres, que ven- diamos, o ouro é importado em grandes quantidades na Euro- pa. Inflação também sob a forma de créditos, acelerada pelo estabelecimento do sistema de Reserva Federal, que permite a possibilidade legal de edifi- car maior massa de crédito sobre a mesma reserva de ouro.

7º — Inflação ainda: 1917 — 1918. Tendo a América en- trado na guerra, a inflação ouro e a inflação-crédito au- mentam pelas mesmas razões do parágrafo precedente. A in- flação-crédito se desenvolve mesmo mais rapidamente ain- da, porque o público contrata empréstimos nos bancos para subscrever os empréstimos do Governo. O emprestador ao Estado empresta, não um di- nheiro materialmente existen- te, mas uma criação dos bancos obtida por simples ins-crição nos livros de contabili- dade.

8º — Inflação ainda: 1918 — 1920. Após a guerra, o empré- stimo da Vitória foi lançado pelos mesmos métodos.

(Continua na 2 pag.)

Perden o equilíbrio e caiu do 2º andar

Rio, 31 (A. N.) — Ana Rangel, de dezito anos, quando limpava as vidraças do apartamento em que era empregada no segundo andar de um edifício no bairro do Flamengo, perdeu o equilíbrio, caindo ao solo. Em estado grave, foi hospitalizada.

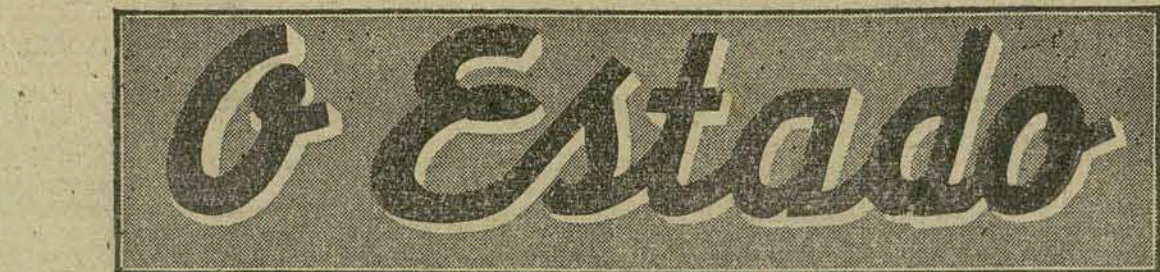
TEUS FILHOS

aplaudirão teu gesto, quando souberem que cola- boraste pró Restabelecimen- to da Saude do Lázaro.

Muito trigo

Rio, 31 (A. N.) — Procedente de Nova York, chegou o "Rio Guaporé", um dos novos cargueiros comprados pelo Loide Brasileiro aos Estados Unidos. O "Rio Gua- poré" trouxe, além de outras mer- cadorias, nove mil sacos de fari- nha de trigo.

Rio, 31 (A. N.) — Conduzindo mil toneladas de trigo, é esperado hoje o navio "Aquila Segundo".



MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

Proprietário e D. Gerente: SIENEI NOCETI — Diretor Dr. RUBENS DE ARRUDA RAMOS
Diretor de Redação A. DAMASCENO DA SILVA

Ano XXXIV

Florianópolis — Domingo, 1 de Junho de 1947

N. 10.039

SOLIDARIOS COM O PRESIDENTE DUTRA

JOÃO PESSOA, 31 (E.) — A bancada do PSD, composta de quatorze deputados e constitui a minoria, na Assembleia do Esta- do, acaba de telegrafar ao presidente Euro Gaspar Dutra depois do seu regresso do sul do país, para manifestar-lhe a sua inteira solidariedade, na execução da sentença do Superior Tribunal Elei- toral, que determinou o fechamento do Partido Comunista, defen- dendo, por esta forma, as nossas tradições democráticas e a ordem publica, tão caras ao Partido Social Democrático que obedece nes- te Estado à orientação do sr. Rui Carneiro.

Não acredita que esteja envolvido

SÃO PAULO, 31 (A. N.) — O deputado Artur Fischer, do PTB do Rio Grande do Sul falando a reportagem declarou não acreditar que o senador Getúlio Vargas esteja envolvido na conspiração de sargentos. Declarou, ainda, que a produção atual do trigo no Rio Grande do Sul é de 150 mil toneladas, devendo ser aumentada brevemente. afirmou que, segundo pôde observar no Rio, será cassado o mandato dos deputados comunistas.

Encerrou-se o prazo

PORTO ALEGRE, 31 (A. N.) — Encerrou-se o prazo para a apre- sentação das emendas ao ato das disposições transitórias constituição do Rio Grande, tendo a Secretaria da Assembléia funcionado até meia noite, para receber emendas. Dentre as apresentadas, destaca-se a do pedesista Américo Godoy, propondo que a Constituição seja levada ao referendun popular.

O incidente assume maiores proporções

SÃO PAULO, 31 (A. N.) — O incidente entre os deputados Mau- rício Jansen e Torquato Machado promete assumir feição mais gra- ve ainda. Tendo sido seriamente acossado pela bancada adversaria, o deputado Mauricio Jansen prometeu fazer a revelação de documentos comprometedores que estão em seu poder.

Expulsos do Brasil

RIO, 31 (A. N.) — As autoridades do Departamento Federal de Segurança Pública, veem de receber da Delegacia de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo, uma relação nominal dos japoneses pertencentes a Shindo Remmer que vão ser expulsos do território na- cional que conforme Decreto Lei n. 479 de 10 de agosto de 1946 que se encontram presos numa ilha, no Estado bandeirante.

Seria o fim do mundo

LOS ANGELES, 31 (U. P.) — Falando na Universidade de Los Angeles, o dr. Stafford Warren declarou que o lançamento de 500 bombas atômicas, do tipo da empregada em Hiroshima, bastaria para acabar com toda a vida no mundo. O dr. Warren afirma ainda que a explosão de 250 bombas aéreas e outras 250 submarinas não so- mente arrasaria as grandes cidades como também criaria nuvens ra- dioativas que envolveriam o mundo, matando todos os seres vivos.

Eleito o Diretório do P.S.D. de Blumenau

BLUMENAU, 31 (Do correspondente) — Perante elevado numero de religiosos, representando as classes conservadoras, foi escolhido o Diretório local do PSD, sendo eleito presidente o sr. João Nobrega. O novo diretório foi recebido com gerais simpatias, pois os nomes que o constituem são dos mais prestigiosos no seio da opinião pública.

Em viagem de inspeção

Rio, 31 (A. N.) — Em viagem de inspeção, seguiu hoje de avião para Porto Alegre, o sr. Rubens Teixeira, diretor geral interino dos Correios e Telégrafos.

No Rio, nem morrer se pode

Rio, 31 (A. N.) — "É horrível morrer no Rio", — afirmou com destaque um matutino carioca em sua edição de hoje, referindo-se à exploração de que é vítima a po- pulação desta capital para a reali- zação do mais modesto entérro.

As ex-colônias italianas

Washington, 31 (U. P.) — O go- verno americano se opôs à suges- tão britânica para que o proble- ma das ex-colônias italianas seja discutido na reunião dos adjuntos dos ministros do Exterior, que se realizará em Londres, a partir de 6 de junho.

Opinou o governo dos EE. UU. que os adjuntos, até que os trata- dos de paz entrem em vigor, de- vem limitar suas deliberações a assuntos processuais, tais como a formação de uma comissão de in- vestigações, a ser enviada às co- lônias ex-italianas.

Realizou-se a pri- meira reunião

Rio, 31 (A. N.) — Realizou-se, no Departamento Nacional de Saúde, a primeira reunião prepa- ratória da comissão encarregada de organizar o programa para a comemoração no corrente ano do "Dia Anti-venéreo". A Comissão resolveu designar a comissão exe- cutiva do programa das como- rações, da qual participarão re- presentantes da Marinha, Aero- náutica e Exército, fixando, ainda, o dia seis de setembro para a ce- lebração, este ano, do "Dia anti- venéreo" em todo o país. Assen- tou-se, também, que será fundada naquele dia uma associação civil para lutar pelo aprimoramento da luta anti-venérea, sob seus di- versos aspectos.

Discurso do Senador Ivo d'Aquino em resposta ao

Continuação

9.º — Deflação: 1920 — 1922. Retração do crédito, consecutivo aos excessos precedentes.

Esses simples casos citados pelo grande economista americano demonstram que a inflação tanto pode resultar do excesso do ouro circulante como do excesso de papel moeda. Por isso quando toquei neste assunto, em primeiro lugar, foi exatamente para demonstrar que o nobre Senador Getúlio Vargas se equivocava quando supunha que o lastro ouro, que estava à retaguarda das emissões que se vêm processando há mais de dez anos no Brasil, impedia a existência da inflação. E o que pretendo sustentar neste caso é que o aumento do custo da vida é, sobretudo, resultante do fenómeno inflacionista.

O Sr. Getúlio Vargas — V. Excia. dá licença para um aparte?

O SR. IVO D'AQUINO — Com muito prazer.

O Sr. Getúlio Vargas — A opinião de V. Excia. está em desacordo com a do presidente do Banco do Brasil, quando diz que a elevação do custo da vida provém, principalmente, da elevação da média dos preços internacionais.

O SR. IVO D'AQUINO — Perdoo-me, v. excia. deve estar equivocada.

O Sr. Getúlio Vargas — E' o que diz o relatório do Banco do Brasil.

O SR. IVO D'AQUINO — Dentro de alguns instantes lerei alguns tópicos daquele relatório, para demonstrar a V. Excia. que está em perfeita concordância, em tese e doutrina, com o que acabo de afirmar.

Há dois tópicos do discurso do eminente Senador pelo Rio Grande do Sul aos quais não posso furtar-me de comentá-los, desde agora, para que deles não resultem confusões nem decorram incoerências inmerecidas, não só para o governo atual, como para o próprio governo que transcorreu de 1937 a outubro de 1945.

Um deles reza o seguinte:

"Mais cedo do que se podia prever chegou a crise". E funda-se essa afirmação em alusões ao fechamento de fábricas, desemprego de operário, derrocada do café, situação bancária periclitante, todos esses fatos acontecidos em S. Paulo.

O outro tópico diz textualmente:

"A linha geral de retração de crédito, de encaixes, de restrições gerais, fixada pela política bancária de 1946, está repercutindo em 1947 e terá impressionante consequência no orçamento de 1948".

Esses dois tópicos do discurso do nobre Senador rio-grandense, distantes um do outro, aproximam-se, entretanto, pelas mesmas conclusões que colimam. E' o de que ambos os fatos, a crise e a política de retração do crédito, começaram a processar-se do período do atual governo.

Ainda mais: da segunda afirmação se infere que a disciplina do crédito presentemente seguida é erro de fatais consequências e porventura gerador da crise.

Sr. Presidente, todos nesta Casa, conhecem bem de perto quem é o Sr. Deputado Artur de Souza Costa e ninguém, estou certo, lhe poderá recusar clareza e equilíbrio de inteligência, abeberados no estudo, no trato dos negócios públicos (muito bem) no tocante aos problemas econômicos e financeiros e, sobretudo, a sua larga experiência de *señal made man*, que o conduziu, mercedosamente, às mais elevadas posições como homem público e como financista. Neste lance, é da sua palavra que vou socorrer-me, palavra tanto mais autorizada quanto proferida na ocasião em que S. Excia. era Ministro da Fazenda do Governo do Sr. Presidente Getúlio Vargas. E vou colhê-la na Exposição de Motivos nº 103 do Ministério da Fazenda, de 31 de Janeiro de 1945, publicada no "Diário Oficial" de 6 de Fevereiro do mesmo ano.

Nessa exposição, em que, com impressionante eloquência, o Sr. Ministro Souza Costa canteriza os focos da inflação do país e justifica a criação da Superintendência da Moeda e do Crédito, há a ressaltar a sinceridade com que falou e o acerto das providências que propôs naquela ocasião.

Eis os tópicos da Exposição de Motivos a que me referi:

"Na reunião ministerial de 14 do mês passado, apresentei ao governo uma exposição a respeito da situação financeira do país, tendo me referido à

proposta orçamentária, à posição da dívida interna e à necessidade absoluta da compreensão dos gastos para impedirmos os efeitos da inflação, em sua obra de desorganização da ordem econômica.

Como tenho afirmado em várias oportunidades e ultimamente fiz na reunião ministerial de 14 de Dezembro, os saldos favoráveis no balanço de pagamentos e as despesas do governo e em excessos da arrecadação determinam um estudo de inflação que a subscrição compulsória das obrigações de guerra e dos demais empréstimos tende a corrigir desde que o governo adote uma política severa de restrição de despesas e exerça um controle do crédito de modo que canalizem para os títulos do governo os recursos disponíveis.

Permitindo-se que esses recursos continuem disponíveis para os particulares e que o governo prossiga no seu problema de obras, estaremos concorrendo para que cada vez mais se agravasse a inflação que atingiria, afinal, uma situação caótica, impossível de controlar.

Firmadas que foram por V. Excia. as diretrizes quanto às despesas públicas quer da União, quer dos Estados e Municípios, — programa cujo êxito dependerá da firmeza com que for executado pelas autoridades competentes, — cabe-me submeter à consideração de V. Excia. o projeto de tal lei que consubstancia as medidas relativas ao controle mais severo do crédito.

Tais medidas têm por fim facilitar ao Governo a obtenção dos recursos para as despesas de guerra e conter a alta de preços: se não contivermos a alta do nível geral de preços no mercado interno, é evidente que estaremos impossibilitados de produzir para consumo nos mercados do mundo.

"Desde 1939 que nos empenhamos intensamente em empreendimentos cujos resultados não são imediatos para o consumo, como sejam os da siderurgia, do Vale do Rio Doce, da Fábrica de Motores e outros cuja importância econômica é indiscutível, mas que só produzirão uma expansão de bens de consumo no futuro. Acresce que outras atividades estão, no presente contribuindo para desviar braços da lavoura, como sejam os empreendimentos ligados ao esforço de guerra e ao desenvolvimento dos centros rurais se verifica nos centros urbanos — obras de embelezamento e construção de edifícios.

E' necessário que se reduza a liberalidade para com a economia dos particulares, fazendo afluir os recursos pecuniários com mais abundância para o Governo e para os centros de atividades capazes de proporcionar o barateamento da vida.

E' preciso por termo à intensidade dos focos de inflação gerados pelo acréscimo de recursos pecuniários que afluem para os centros de atividade, restituindo-se os elementos essenciais, principalmente os fatores de: transporte, a produção de gêneros alimentícios nos centros urbanos e nos centros rurais".

E' concluído assim o Sr. Ministro Souza Costa a exposição dirigida ao então presidente Sr. Getúlio Vargas:

"O decreto-lei nº 4.792, de 1942, rigorosamente aplicado, levaria a uma deflação demasiada violenta, porque exigiria retração considerável dos meios de pagamento, à medida que fossem sendo vencidas as "Letras do Tesouro".

Por outro lado, a manutenção dos meios de pagamento em circulação, sem controle dos empréstimos bancários e desenvolvimento sistematizado de vendas dos títulos do Governo Federal, agravará a inflação que já é de proporções exageradas. E', portanto, chegado o momento inadiável do lançamento de um sistema completo de flexibilidade e de controle do meio circulante e do crédito.

Ante a urgência das medidas, considero aconselhável a

criação imediata de uma "Superintendência da Moeda e do Crédito" com todas as faculdades de um Banco Central, a qual poderá preparar a organização deste e desempenhar-lhe as funções até a sua criação.

Concordando com essa exposição de motivos, o sr. presidente Getúlio Vargas baixou o decreto-lei nº 7.293, de 2 de fevereiro de 1945, criando a Superintendência da Moeda e do Crédito, com o objetivo imediato — diz o art. 1.º — de exercer o controle do mercado monetário e preparar a organização do Banco Central.

A Superintendência da Moeda e do Crédito, pelo art. 2.º desse decreto-lei, ficou constituída de uma comissão presidida pelo ministro da Fazenda e da qual fazem parte o presidente do Banco do Brasil, o diretor da Carteira de Câmbio, o diretor da Carteira de Descontos e Caixa de Mobilização e Fiscalização Bancária do Executivo da Superintendência.

Como se vê, por esse decreto-lei a Superintendência da Moeda e do Crédito não é o Banco do Brasil. E' uma entidade autônoma criada por lei, com funções específicas e fiscalizada por uma Comissão presidida pelo próprio ministro da Fazenda.

O sr. Getúlio Vargas — V. Excia. dá licença para um aparte?

O SR. IVO D'AQUINO — Com todo prazer.

O sr. Getúlio Vargas — (Movimento de atenção) — Devo agradecer a V. Excia. a defesa que está fazendo do meu governo e que é uma resposta ao discurso do ilustre senador Freire, que disse não ter o meu governo tomado essas providências para evitar a crise.

O sr. Vitorino Freire — Eu não disse que V. Excia. não tinha tomado providências e sim que poderia ter tomado outras.

O sr. Getúlio Vargas — V. Excia. disse. Enumerou até essas providências.

O sr. Vitorino Freire — Antes V. Excia. as tivesse tomado. O que o atual governo está fazendo é o que V. Excia. recomendava e não fez. No entanto, V. Excia. agora é contrário a essas providências.

O SR. IVO D'AQUINO — V. Ex. tem inteira razão. Estou fazendo a defesa do seu governo, contra o discurso proferido por V. Ex.

O sr. Vitorino Freire — Desejo dar outro esclarecimento: mais de uma vez fiz a defesa não só do governo do sr. Getúlio Vargas como da sua própria pessoa.

O SR. IVO D'AQUINO — V. Ex. tem razão. A medida criada pelo governo de V. Ex. em 1942 não pode deixar de ser elogiada e bem interpretada por todos aqueles que sinceramente, sentem o problema nacional. E' de admirar, somente que, V. Ex., tão bem inspirado ao criar esse aparelhamento de controle do crédito, agora se erga e lance, perante a Nação, seu protesto por estar o governo atual usando de medidas que outras não são que as decorrentes da criação da Superintendência da Moeda e do Crédito.

O sr. Vitorino Freire — V. Excia. responde à acusação que o eminente senador Getúlio Vargas fez ao meu discurso. Aliás declarei que não me alinhava entre os que condenavam em bloco, a administração de S. Excia. Os acertos trazem os erros. E esta declaração não implica em má fé.

O SR. IVO D'AQUINO — Ora, se estou no dever de reconhecer a procedência das medidas tomadas, ninguém me poderá negar razão no afirmar que o governo atual, continuando as medidas propostas pelo governo anterior, nada mais merece, ou pelo menos merece tanto quanto o elogio que o nobre senador Getúlio Vargas reclama para seu governo.

Mas, o que se nota ainda na exposição de motivos do sr. ministro Souza Costa é que a crise, que no momento sentimos, não nasceu no governo atual; esta crise já se vem acentuando há mais de cinco anos e um dia teria de atingir o seu clímax.

O sr. Getúlio Vargas — V. excia. tem razão. A crise podia ter surgido antes; apenas, as medidas empregadas a estão agravando.

O SR. IVO D'AQUINO — As medidas empregadas são as mesmas que v. excia. preconizou com a criação da Superintendência da Moeda e do Crédito.

O sr. Ferreira de Sousa — Quer dizer que o governo atual não tem um programa próprio; está seguindo aquele que o governo anterior havia traçado.

O SR. IVO D'AQUINO — Não

estou afirmando isto. V. excia. está tirando das minhas palavras conclusões a que não cheguei.

O sr. Aloisio de Carvalho — As premissas de v. excia. levam à conclusão de que a política financeira do atual governo é a continuação da do sr. Getúlio Vargas.

O sr. Vitorino Freire — Se fosse, s. excia. não teria ido à tribuna.

O SR. IVO D'AQUINO — V. excia. está sofismando. Das minhas informações v. excia. pode tirar várias conclusões.

O sr. Ferreira de Sousa — Inclusive esta.

O SR. IVO D'AQUINO — Inclusive a de que o governo atual não se afastou do programa de disciplina do crédito seguido pelos governos anteriores; mas daí não se conclui que o governo atual não tenha programa.

O sr. Ferreira de Sousa — E' um pouco difícil v. excia. falar nos programas anteriores.

O sr. Aloisio de Carvalho — As premissas do nobre orador conduzem a essa conclusão. Vamos aguardar, então, as conclusões a que v. excia. pretende chegar.

O sr. Getúlio Vargas — Não sou contrário a que se tomem as medidas necessárias. E' que a violência dessas medidas está fazendo correr o risco de matar o doente com a cura.

O sr. Vitorino Freire — Talvez morresse mais depressa com a inflação.

O SR. IVO D'AQUINO — A frase de v. excia. foi precisamente esta: "mais cedo do que se poderia prever, chegou a crise". Portanto, dela só se poderia concluir que antes não existia crise. O que estou provando a v. excia., com a palavra do sr. Ministro Souza Costa, é que a crise é muito anterior ao atual governo.

O sr. Vitorino Freire — As medidas preliminares foram tomadas em teoria. O atual governo é que as está pondo em prática.

O sr. Getúlio Vargas — Demonstrei, oportunamente, quem as pôs em prática.

O sr. Vitorino Freire — Ouvi v. excia., sempre, com o maior prazer e respeito.

O SR. IVO D'AQUINO — Quero ainda acentuar que o decreto-lei número 7.293 deixou bem explícito que a Superintendência da Moeda e do Crédito vigorará enquanto não for organizado o Banco Central.

Ora, sr. Presidente, um dos intuitos do atual governo é, exatamente, a criação do Banco Central, assunto que já foi largamente discutido, porque o sr. ministro Corrêa e Castro teve a preocupação, elaborando um ante-projeto para esse fim, de submetê-lo à crítica e à apreciação, não apenas de todos os entendedores de finanças e economia, senão também da imprensa e da opinião pública.

O sr. Aloisio de Carvalho — V. excia. dá licença para um aparte? (Assentimento do orador). Segundo me parece, a proposição do ministro da Fazenda é de uma completa reforma bancária e não da instituição do Banco Central, a que v. excia. se refere.

O SR. IVO D'AQUINO — V. excia. tem razão: é uma completa reforma bancária. Entretanto, estou acentuando o fato da criação do Banco Central, porque foi incluído no decreto-lei que acabo de citar.

O sr. Ribeiro Gonçalves — Há pouco tempo, o sr. senador Getúlio Vargas observou a v. excia. que o remédio estava matando o doente. Parece-me, desta vez, é a falta do remédio que faz morrer o doente, porque, para caso urgente, a providência está sendo muito tardia.

O SR. IVO D'AQUINO — Talvez o nobre colega tenha razão em dizer que a instituição do aparelhamento de crédito ideado pelo

Curo para Dentistas e Ouriveis

PODE-SE COMPRAR DIRETAMENTE:

Remetemos pelo Reembolso Postal... a preço do dia, para qualquer parte do Brasil, produtos quimicamente preparados e quilates garantidos conforme análise da Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Ouro Prata, Platina, Ouro-platinado. Soldos em lornas, discos e pinos para fins odontológicos e para ouriveis. Peça lista de preços para:

R. S. MUCCIOLA

Rua São Bento n. 518

1.º andar - sala 6

Fone: 3-1966 - São Paulo.

Ministério da Fazenda esteja demonstrando; mas isto significa exatamente...

O sr. José Américo — V. excia. permite um aparte?

O SR. IVO D'AQUINO ... o interesse demonstrado...

O sr. José Américo — O ministro da Fazenda quer criar sete bancos para restringir o crédito? (Riso).

O SR. IVO D'AQUINO — ... demonstrado pelo governo, para que a opinião pública possa fazer, larga e amplamente, a crítica do anteprojeto a ser submetido ao Parlamento.

O sr. Ribeiro Gonçalves — O que temo é que neste caso o edifício já esteja destruído pelo incêndio quando os bombeiros chegarem.

O SR. IVO D'AQUINO — A demora só pode honrar o sr. ministro da Fazenda; está de acordo com o espírito democrático de s. excia., que, colocando acima de seu amor-próprio e das convenções pessoais o interesse público, nada mais tem desejado senão que a lei a ser votada pelo Parlamento seja uma verdadeira expressão do interesse nacional, corresponda às solicitações econômicas e sociais do momento.

Diz-se, sr. Presidente, que a administração atual fez uma violenta retração de créditos, o que trouxe alarme e pânico aos meios financeiros. Afirmando, porém, — e o estou provando — que o governo do General Eurico Gaspar Dutra nada mais tem feito do que interpretar uma criação legal, que, embora não tenha sido de seu governo, é sem dúvida alguma, útil à Nação e essencial ao momento financeiro, pela disciplina e pela seleção de créditos que pretende operar.

Quero apenas acentuar que o artigo 4.º do decreto-lei n. 7.293, mandava, independentemente do fato de manterem em caixa o numerário indispensável ao seu movimento, fossem os bancos obrigados a conservar em depósito no Banco do Brasil, à ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito, sem juros, 8% dos depósitos à vista, 4% das importâncias depositadas a prazo fixo ou mediante aviso prévio superior a noventa dias.

O sr. Walter Franco — A Mobilização Bancária, anterior à Fiscalização, obrigava todos os bancos a terem em depósito, em caixa como no Banco do Brasil, quantia correspondente a 10% dos depósitos. Criada a Superintendência da Moeda e do Crédito, esta obrigou os bancos a manterem em depósito a percentagem a que v. excia. fez referência. Desejo adiantar ao nobre orador que, antes da lei que estabeleceu a Superintendência da Moeda e do Crédito, já existiam leis que regulavam os créditos bancários — aliás este organismo é exclusivamente de caráter bancário — por intermédio da Fiscalização Bancária e da Caixa de Mobilização Bancária.

O SR. IVO D'AQUINO — As palavras de v. excia. confirmam, mais uma vez, o que venho expondo...

O sr. Walter Franco — Já existia

(Continua na 4.ª pag.)

Sedução!

A poesia consagrou o olhar como o maior fator de sedução pessoal. Para isso, devem os olhos ter o brilho, a limpidez e a expressão capazes de atrair e seduzir. LAVOLHO mantém a saúde e a beleza dos olhos. Algumas gotas diárias bastam.

LAVOLHO

ATAY BEM AOS OLHOS



Vida SOCIAL

Continua "O Estado" fazendo distribuições de valiosos livros, inclusive romances modernos, entre as pessoas que constam do seu cadastro social.

As pessoas que ainda não hajam preenchido o coupon que diariamente publicamos poderão fazê-lo agora, habilitando-se, assim, a concorrerem a tão interessante iniciativa realizada sob o patrocínio da "Livraria Rosa", á rua Deodoro, n. 33, nesta Capital.

ANIVERSÁRIOS:

Faz anos hoje o sr. Cid Mariano da Silva, motorista da D. O. P.

SRA. OLGA SULIVAN

Transcorre hoje o aniversário natalício da exma. sra. Olga Sullivan esposa do sr. professor Milton Sullivan.

A distinta aniversariante pelos seus altos dotes de coração, possui vastos círculos de relações em nossos meios sociais, motivo porque receberá hoje expressivas provas de amizade. O Estado envia respeitosos cumprimentos.

SRA. ADELIA GRAMS

Comenora seu aniversário natalício, hoje, a distinta sra. Adelia Grams, chefe de expedição do O Estado, cargo que vem desempenhando com grande zelo e espírito de organização.

Possuindo inúmeras amizades, a sta. Adelia receberá hoje, efusivas provas de estima. Os do Estado formulam-lhe votos de perenes felicidades.

Fazem anos, amanhã:

— a exma sra. d. Maria B. de Oliveira, esposa do sr. Nicolau B. de Oliveira.

— a exma sra. d. Maria Passerini Wildi, esposa do sr. Ton T. Wildi, construtor civil.

— as sras. d. Eusa Faria Rodrigues, d. Esnestina Ribeiro de Barros, d. Blandina Laus Baier.

— Srtas. Helena Spirides, Hilda Sartorato, Eulina Vieira.

— Os srs. Cid Silva, Luiz da Silva, Mario Alves Guimarães, Cristaldo, Arraujo, Cap. Augusto Borges Nogueira, Fernando Genber Filho, e José da Costa Bento.

— O jovem estudante, Osorio Tolentino Machado.

Fazem anos amanhã:

— A exma sra. Maria Grams, Habil carpinteiro trabalhando na Arataca.

— a sta. Marina Teluna Garcia.

— O jovem Nilton Silva.

3º sargento radio telegrafista, Waldemar Napolini.

— A menina Elizabeth, filho do sr. Manoel Dias, funcionário Municipal.

Telegramas retidos

Relação dos telegramas retidos na estação local:

João Mauna, João Rolin, Francisca Lamper, Matilde Buys, Hilda Borges, Lelo Leitão, Lidia Araujo Dr. Laércio, Wenceslau Andreapaki, Roberto Boyestoff, Guayrina Hartenthal, a/c Dr. Gaertner, Edite Moreira, Cap. René Verges — Polícia Militar, Dóris Faria, Valdo Zulmira, Geraldino Cipriano Costa, Isaura Maria, Simão Semenov, Maria Henriqueta, Adélia Machado da Silva, Hilário C. Hymirli, Nilsa Joana de Jesus e Lorenz para Adelmann.

20 anos de luta

LUX-JORNAL FAZ ANOS HOJE, ENTRANDO NO SEU 20º ANO DE EXISTÊNCIA.

Sobremaneira grato é o dia de hoje para a imprensa brasileira, pois assinala mais um natalício de uma organização que com ela mantém os mais estreitos vínculos de simpatia e interesse recíprocos: o LUX-JORNAL, a prestigiosa entidade jornalística que se especializou na tarefa altamente útil de fornecer, por meio de recortes, um subsídio informativo da maior eficiência sobre tudo quanto se publique a respeito de qualquer assunto nos principais órgãos diários da Capital Federal e de todos os Estados brasileiros. Pelo vulto de seu trabalho e pela qualidade do mesmo, não é demais classificar o LUX-JORNAL como uma das mais importantes organizações, no gênero, em todo o mundo, superior, sem dúvida às similares sulamericanas. Essa entidade tão útil e cujos laços com a imprensa foram sempre os mais cordiais, tem à sua frente dois nomes prestigiosos no jornalismo carioca: Mario Domingues e Vicente Lima. Cheios de perseverança, animados por uma confiança absoluta no êxito da iniciativa que tomaram em 1928 lançando o LUX-JORNAL, os nossos dois colegas não se deixaram intimidar pelos vaticínios pouco animadores dos que não acreditavam pudesse o LUX triunfar num campo de atividade em que surgia como legítimo pioneiro: o de recortes de jornais. Nunca, até então, no Brasil, alguém tentara um trabalho desse ramo; não havia exemplos a imitar nem modelos a seguir. Mas havia a fé inabalável de Mario Domingues e Vicente Lima, e havia, acima de tudo, o dom de organização de que vieram a dar provas criando, com o LUX-JORNAL, uma técnica de trabalho segura e prática que lhes permitiu vencer a ingente complexidade de sua virgem tarefa. Hoje, o LUX-JORNAL, definitivamente acreditado no conceito público, conta com um sem número de assinantes não só entre as classes que movimentam as máquinas econômicas e intelectuais do país (empresas, comerciais, associações de classe, sindicatos, academias, artistas, escritores) como também nas esferas da administração pública: governo federal, governos estaduais, ministérios, senadores, deputados etc., em cujo meio distribui o LUX-JORNAL perto de quarenta mil recortes diários. Com sua sede à rua Buenos Aires, 176, no Rio de Janeiro, o LUX mantém ainda uma Sucursal em São Paulo, à rua São Bento, 405, e possui correspondentes em todos os Estados da União.

Trate das vias respiratorias

As Bronquites (Asmáticas, Crônicas ou Agudas) e as suas manifestações (Tosses, Rouquidão, Catarrhos, etc.), assim como as GRIPEs, são molestias que atacam o aparelho respiratorio e devem ser tratadas com um medicamento energico que combata o mal, evitando complicações graves. O SATOSIN contendo elementos antisepticos, peitorais, tónicos, reconstituintes e modificadores do organismo é o remedio indicado.

Procure hoje o seu vidro de SATOSIN nas boas farmacias e drogarias.

Colégio Barriga-Verde, Ltda.

CONVOCAÇÃO

De ordem do sr. presidente da sociedade Colégio Barriga-Verde, Ltda., convoco os srs. sócios quotistas para a sessão de Assembléa Geral a realizar-se no próximo dia 7, às 16:30 horas, em sua sede provisória, à rua Trajano 14 2 andar.

Florianópolis, 30 de Maio de 1947.

J. ALCANTARA SANTOS
1º Secretário

Farmácias de plantão

1 Domingo	Farmácia Catarinense	Rua Trajano
5 Quinta-feira (Dia Santo)	Farmácia Rauliveira	Rua Trajano
7 Sábado	Farmácia Sto. Agostinho	Rua Conselheiro Mafra
8 Domingo	Farmácia Sto. Agostinho	Rua Conselheiro Mafra
14 Sábado	Farmácia Esperança	Rua Conselheiro Mafra
15 Domingo	Farmácia Esperança	Rua Conselheiro Mafra
21 Sábado	Farmácia Nelson	Rua Felipe Schmidt
22 Domingo	Farmácia Nelson	Rua Felipe Schmidt
28 Sábado	Farmácia Moderna	Prça 15 de Novembro
29 Domingo	Farmácia Moderna	Prça 15 de Novembro

O serviço noturno será efetuado pela Farmácia Santo Antônio, sita à rua João Pinto.

O pequeno Caruso

Depois de um passeio por Laguna e Lajes, onde, a insistência dos meios culturais, realizou aplaudidos recitais de canto, está novamente entre nós o sr. João Carliere, o consagrado Pequeno Caruso.

Em visita que nos fez, o apreciado artista teve ocasião de externar seu entusiasmo pelo povo e progresso tanto de Laguna como de Lajes, onde foi alvo de cativantes gentilezas.

Na Princeza da Serra realizou o Pequeno Caruso um grande festival de canto, patrocinado pela Prefeitura Municipal, pela Imprensa e pelo Clube 1º de Julho, e ao qual compareceu numerosa e seleta assistência.

O sr. João Cavaliere, cuja vida está intimamente ligada ao jornalismo brasileiro pois como ele mesmo proclama já vendeu jornais a Rui Barbosa e Olavo Bilac demorou-se conosco em agradável palestra.

Gratos pela visita desejamos-lhe feliz estada em Florianópolis.

MOLESTIAS DO CEREBRO E DOS NERVOS

Doenças Nervosa e Doenças Mental

Ambas começam, com as contrariedades, pela irritabilidade que se agravam quando não tratada a tempo. Na doença nervosa o doente conserva sua inteligência e lucidez. Na doença mental, ha necessidade de isolamento, o doente não pode cuidar de si, pode apresentar momentos de furia. Previna-se contra a fraqueza nervosa com:

For-T-Fosfatos

Tônico da MEMORIA e SISTEMA NERVOSO
Produto do Laboratorio da
HEPATINA H. S. DA PENHA
A Vida do Fígado
Majores esclarecimentos escrevam:
Caixa Postal 3.661 - Rio

A' margem das sessões da Assembléa

Com a convocação dos dres. Ilmar Correa e Osvaldo Cabral, mais dois facultativos integram o quadro da classe médica da nossa Assembléa.

Oito, — dizia o deputado Lopes Vieira. São efetivamente oito, entre os quais, médicos-parteiros. Que os pessimistas fiquem crentes de que com tantos médicos, a Constituição ha de nascer sem alterações que a deformem. Não haja dúvida. Vae ser uma delirante como poucas, com a presença de oito doutores em medicina.

Ontem houve folga. Os srs. deputados estavam inspirados, no sentido de que dia de folga e com as "chelpas" nos bolsos, cabe bem o ditado: — "A vida, assim é melhor".

Descansem, desta feita os eleitores de todos os partidos. Não haverá eleição para Vice-Governador, visto, que, não haverá vice....

Todas as classes estão se movimentando com a apresentação de sugestões, que venham melhorar consideravelmente sua situação.

Só uma classe até hoje nada pediu a classe dos desclassificados.

Nela estão incluídos todos os que não tem "classe".
Zé do Congresso

Cines ODEON IMPERIAL

ODEON

À 1.30 hora

1º) — O Esporte em Marcha n. 135 — Nac. Imp. Filmes

2º) — Don Ameche — em:

FILHO QUERIDO

3º) — Joan Caulfield — em:

A VIDA É UMA SÓ

Preços: Cr\$ 3,00 — 2,40 — 1,00.

Censura: — LIVRE — Crianças maiores de 5 anos poderão entrar acompanhadas.

IMPERIAL

Às 2 horas

1º) — Cine Jornal n. 18 — Nac. Imp. Filmes.

2º) — Allan Baxter — em:

ALMAS INDOMAVEIS

3º) — Jimmy Lydon — em:

BANCANDO O CUPIDO

4º) — Continuação da série:

A ADAGA DE SALOMÃO

Preços: Cr\$ 3,00 — 2,40.

Censura: — Até 14 anos

SIMULTANEAMENTE

ODEON — IMPERIAL

Às 6 1/2 e 9 horas — 7 1/2 horas

Sessões elegantes

1º) — O Esporte em Marcha n. 134 — Nac. Imp. Filmes

2º) — Fox Airplan News 29x36

— Atualidades.

3º) — Rex Harrison — em:

ANNA E O REI DO SAO

Preços:

Odeon:

Às 4 e 9 hrs. ... Cr\$ 6,00 4,00 3,00

Às 6 1/2 hrs. ... Cr\$ 6,00

Imperial:

Às 7 1/2 hrs. ... Cr\$ 4,00

Imposto incluso

Censura: — Até 10 anos

Cines RITZ ROXY

RITZ — Às 10 horas da manhã

Matinée da petizada

1º) — Cinelandia Jornal — DFB.

2º) — Pintura Fresca — Desenho colorido.

3º) — Nobre por um dia — Desenho colorido.

4º) — Noah Beery Jr. — em:

MAU PRESSAGIO

Censura: — LIVRE.

Preços: Cr\$ 2,00 — 1,00.

SIMULTANEAMENTE

RITZ — ROXY

1 1/2, 4, 6 1/2 e 8 1/2 — 5 e 7 1/2

Sessões elegantes

1º) — Cine Jornal Informativo — DFB.

2º) — Atualidades RKO Pathé — Jornal.

3º) — Ingrid Bergman — em:

OS SINOS DE SANTA MARIA

Censura: — LIVRE.

Preços:

Programas da B.B.C. para o Brasil

DOMINGO 1º de junho:

19,00 — Sumário dos programas e Interlúdio Musical.

19,15 — Noticiário.

19,30 — Palestra sobre Aldous Huxley por Peter Quennell.

19,45 — O Compositor da Semana — Smetana.

20,00 — "Correspondência de Paris", por Pierre Comert.

20,15 — Jack Hardy e sua Orquestra.

20,30 — A Marcha da Ciência, palestra.

20,45 — Música da América Latina.

21,00 — Noticiário.

21,15 — 1) "Página Feminina", de Lya Cavalcanti; 2) "Crônica Londrina".

21,30 — Música de Câmara.

22,00 — Rádio — panorama.

22,15 — Noticiário.

22,20 — Epílogo.

SEGUNDA-FEIRA, 2 de junho.

19,00 — Sumário dos programas e Interlúdio Musical.

19,15 — Noticiário.

19,30 — Orquestra Ligeira "Midland" da BBC.

20,00 — "Os Problemas dos Vãos a Alta Velocidade", palestra de Charles Gardner.

20,15 — Peggy Cochrane, piano.

20,30 — "Falando á Sêrio", discussão.

20,45 — Helen Gaskell, oboé.

21,00 — Noticiário.

21,15 — "O que vai pela Grã-Bretanha", comentário.

21,30 — Orquestra Sinfônica da BBC.

22,15 — Noticiário.

22,20 — Comentários da Imprensa Britânica.

RADIOS

5, 6, 7 e 8 valvulas para Luz, Pilha e Acumulador.

Peça catalogo gratis.

Preços sem concorrência!

À V A — Importadora

São Paulo, C. Postal, 4063.

QUANDO TEUS FILHOS

te perguntarem o que é um lázaro, diz-lhes que é um enfermo que poderá recuperar a saúde com o teu auxílio.

Ritz:

À 1 1/2 hrs. ... Cr\$ 6,00 4,00

Crianças ... Cr\$ 3,00

Às 4 e 8 1/2 hrs. ... Cr\$ 6,00 4,00

Às 6 1/2 hrs. ... Cr\$ 6,00

Roxy:

Às 5 e 7 1/2 hrs. ... Cr\$ 4,80

Roxy — À 1 1/2 horas

1º) — Cine Jornal Informativo — DFB.

2º) — Chester Morris — em:

O ESCORPIÃO VERMELHO

3º) — Julie Bishop — em:

EXTRANHO CONQUISTA

4º) — Final da série:

O ARQUEIRO VERDE

Preços: Cr\$ 3,00 — 2,40.

Censura: — Até 10 anos.



Discurso do Senador Ivo d'Aquino em resposta ao Senador Getulio Vargas

Continuação

lei sobre o crédito bancário...

O SR. IVO D'AQUINO — ...isto é, que a disciplina do crédito não é medida gerada no governo atual. O sr. Walter Franco — ...sobre a disciplina do crédito bancário, porque o crédito do governo, dos institutos autárquicos, etc., nunca foi controlado.

O SR. IVO D'AQUINO — O fato tem raízes anteriores ao momento presente. Mas o que pretendo acentuar, lendo este artigo, é o seguinte: quando foi baixado o decreto-lei a que aludi, levantou-se uma surda oposição nos meios bancários contra as medidas nele contidas.

O sr. Walter Franco — Era o receio das medidas, posso adiantar a v. excia.

O SR. IVO D'AQUINO — E eu esclareço que o Governo atual... O sr. Walter Franco — Naquela época não tínhamos o Congresso.

O SR. IVO D'AQUINO — ...por intermédio da Superintendência da Moeda e do Crédito, usando da faculdade que lhe confere o parágrafo único do mesmo artigo, reduziu as percentagens a que me referi de 3% e 2%, respectivamente.

O sr. Andrade Ramos — V. excia. permite um aparte?

O SR. IVO D'AQUINO — Com todo o prazer.

O sr. Andrade Ramos — Convém esclarecer que a Superintendência da Moeda e do Crédito não teve — e não podia ter — as virtudes que a brilhante exposição do ministro Sousa Costa lhe emprestou, pouco se parecendo com as funções de um Banco Central. A Superintendência pretendia fazer a deflação do meio circulante levando dinheiro dos bancos para o Banco do Brasil. Esta entidade, entretanto, faria o dinheiro voltar ao meio circulante, em caso de necessidade e, assim, o volume de meios de pagamento continuaria crescendo, e em consequência, não se conseguiu o objetivo visado. Os bancos, apenas tiveram de entregar, sem juros, quantias tão vultosas que se não me falha a memória, quinze ou vinte dias após a expedição do decreto que criava a Superintendência da Moeda e do Crédito, o próprio Governo baixava as percentagens inicialmente estipuladas de 8% para 2% ou 3%.

O SR. IVO D'AQUINO — Agradeço a informação de v. excia.

Sr. Presidente, o decreto-lei n. 7.293 seria quase modelar se tivesse disciplinado e controlado, realmente, todo o crédito nacional.

O sr. Walter Franco — Estou de acordo com v. excia.

O SR. IVO D'AQUINO — Mas como todos sabem — e aliás já foi assinalado nesta Casa — ao lado dos créditos disciplinados em virtude daquele decreto-lei, surgiram os créditos concedidos pelas autarquias, que permitiam, sobretudo através dos pequenos bancos, o aumento do meio circulante momentâneo, fora de toda a disciplina, concorrendo, destarte, para a inflação ou dilatação a que já era notável no momento, conforme acentuou o próprio ministro Sousa Costa.

O sr. Walter Franco — Estabelecimentos bancários eram fundados só com essa intenção.

O SR. IVO D'AQUINO — Vê, portanto, o senador que eu não podia deixar de fazer, como faço, a defesa das medidas tomadas naquela ocasião pelo presidente Getulio Vargas...

O sr. Aloisio de Carvalho — V. excia. é advogado sem procuração.

O SR. IVO D'AQUINO — Mas o que eu não podia admitir, nem a tanto me render, é que o atual Presidente da República seja acusado pelas mesmas medidas que, numa época são consideradas boas e, na atual, más.

O sr. Ferreira de Sousa — V. excia. pode informar se as autarquias já deixaram de recolher dinheiro aos bancos para auxiliá-los ou mantê-los?

O sr. Vitorino Freire — Acho que já deixaram. Mesmo porque há portaria do Governo nesse sentido. Em todo o caso assinarei com v. excia. requerimento de informações.

O SR. IVO D'AQUINO — Não posso responder ao nobre senador Ferreira de Sousa neste momento.

O sr. Vitorino Freire — Há uma portaria do Governo nesse sentido.

O sr. Getulio Vargas — Há uma portaria mas não está sendo cumprida.

O sr. Ribeiro Gonçalves — Nesta data, quais os institutos bancários que asseguram aos institutos de previdência as mesmas taxas de juros?

O sr. Vitorino Freire — As por-

tarias foram baixadas para que não fossem retirados os depósitos que as autarquias tinham feito em diversos bancos porque do contrário, seriam levados à falência. O Governo mandou fazer um esquema das retiradas, para que sejam feitas lentamente, senão todos esses bancos teriam de falir.

O sr. Arthur Santos — Se o Governo não tivesse tomado essa providência, seria um descalabro.

O sr. José Américo — Estou de acordo em que as autarquias geravam inflação de crédito, mas somente imobiliário.

O sr. Vitorino Freire — Se o Governo atual permitisse a retirada, de uma só vez, dos depósitos feitos nos bancos criados durante o governo do eminente senador Getulio Vargas, nenhum deles poderia suportar tal medida e iriam à falência.

O sr. José Américo — Geraram, então, também essa inflação. E a inflação confessada.

O sr. Walter Franco — E' o resultado de falta de disciplina e de controle de crédito.

O sr. Vitorino Freire — Se ainda estão sendo feitos depósitos, como se disse, assinarei requerimento de informações sobre isso com qualquer dos nobres colegas.

O SR. IVO D'AQUINO — Sr. Presidente, não estou habilitado a informar...

O sr. Vitorino Freire — Conheço o esquema destinado à retirada paulatina do dinheiro nos bancos.

O SR. IVO D'AQUINO — ...sobre o assunto, que se está tornando objeto dos apertes e contra-apertes.

O sr. Getulio Vargas — E' o interesse que o discurso de v. excia. está despertando.

O SR. IVO D'AQUINO — Não costumo fazer afirmações, senão baseado em dados e fonte, que reputo legítimas e capazes de autoridade. Talvez em outra ocasião possa responder aos nobres apertantes. Mas, o que, desde já, adianto é que sei, de ciência certa, que o Governo atual está intensamente preocupado em resolver o caso da aplicação dos fundos de reserva de todas as Autarquias, tomando, assim, uma orientação, que seja compatível, não apenas, com a existência econômica e financeira dessas entidades, mas, também, para que possam colimar seus fins sociais.

O sr. Presidente — (Fazendo soar os timpanos) — Peço permissão para observar ao nobre orador que está finda a hora do expediente.

O sr. Ferreira de Sousa — (Pela ordem) — Pediria a v. excia., sr. Presidente, que consultasse o Senado sobre se concede a prorrogação máxima da hora do expediente, a fim de que o nobre senador Ivo d'Aquino possa concluir o seu discurso.

O sr. Presidente — A Casa acaba de ouvir o requerimento do sr. senador Ferreira de Sousa. Os senhores senadores que concedem a prorrogação requerida, queiram conservar-se sentados. (Pausa).

Foi concedida.

Continua com a palavra o sr. senador Ivo d'Aquino.

O SR. IVO D'AQUINO — Muito agradecido.

O sr. Vitorino Freire — V. excia. permite um aparte?

O SR. IVO D'AQUINO — Com prazer.

O sr. Vitorino Freire — Posso afirmar a v. excia. que o esquema, a que me refiro, está criando, aliás, dificuldades aos Institutos, que sentem a falta desse dinheiro para atender aos seus serviços sociais. E também, porque até 29 de outubro de 1945, o Governo ficou devendo aos mesmos, cerca de dois bilhões e seiscentos mil cruzeiros.

O sr. Getulio Vargas — Já os pagou até agora?

O SR. IVO D'AQUINO — Num momento em que v. excia. fala em crise, há-de convir que não é possível fazer pagamento dessa importância. (Apoiados).

O sr. Getulio Vargas — Podia pagar uma parte? Quando se censura o meu Governo por não haver pago, já se devia ter feito alguma coisa.

O sr. Vitorino Freire — As dividas do Governo passado para com os Institutos são de 6 a 8 anos. V. excia. por que não as pagou?

O sr. Getulio Vargas — O meu Governo não as pagou, mas os que o estão censurando deviam ter pago.

O sr. Vitorino Freire — Não estou censurando o Governo de v. excia. nem fazendo acusações à pessoa de v. excia. Digo que o Governo passado ficou devendo aos

Institutos. Nessa declaração não estou acusando pessoalmente a v. excia. Portanto, peço ao nobre senador não tome os meus apertes como acusação pessoal a s. excia.

O sr. Getulio Vargas — Não estou me referindo a pessoa e sim a Governo.

O sr. Walter Franco — Ainda hoje ouvi de um Presidente de Instituto a declaração de que estava sem disponibilidade em dinheiro, porque as de que dispunham estavam aplicadas em imóveis, inclusive numa fazenda de café, em São Paulo.

O sr. Bernardes Filho — Um governo, que tanto emitiu, por que não pagou aos Institutos?

O sr. Vitorino Freire — Se este dinheiro não for retirado, obedecendo a um esquema, rebentará uma porção de bancos.

O sr. Arthur Santos — O Governo falhou à sua principal missão, que era entrar com as suas cotas para os Institutos.

O SR. IVO D'AQUINO — O que se verifica, pelos apertes aqui trocados, é que o Governo passado ficou devendo aos Institutos e não pagou, e que o Governo atual procedeu da mesma forma.

O sr. José Américo — E não pode pagar porque só ao Instituto dos Comerciantes...

O sr. Vitorino Freire — Só a esse Instituto o Governo passado ficou devendo mais de 500 mil cruzeiros.

O sr. José Américo — ...a dívida é de 500 mil contos e ao dos Industriários 2 milhões e 500 mil cruzeiros.

O SR. IVO D'AQUINO — Ora, sr. Presidente, não me parece que quem deva, tenha razão em recriminar a outrem por ser devedor da mesma dívida.

Quero ressaltar, agora, outro tópico do discurso do ilustre senador Getulio Vargas. E' o que diz o seguinte:

"O aumento do custo de vida, o aumento do preço da produção agro-pecuária não é devido nem à inflação nem à falta de produção. A demanda internacional determinou pedidos para a exportação por preços mais elevados do que os do nosso mercado. O Brasil, que antes era uma Nação colonial, passou a viver no ritmo dos preços internacionais. Nosso trabalho passou a ser pago na base do valor real dos seus produtos. Os mercados estrangeiros passaram a adquirir, pelo valor real, os produtos brasileiros básicos e por isso, desde 39 a 43 nossos preços deixaram de ser os do mercado interno para ser os do mercado externo."

Há várias considerações a fazer diante destas afirmações. Antes de tudo, vamos admitir para argumentar, que o aumento do custo de vida e da produção agro-pecuária não tivesse sido devido à inflação, nem à falta de produção, mas à procura dos mercados estrangeiros.

O sr. Getulio Vargas — E' o Presidente do Banco do Brasil quem diz que a alta do custo de vida constitui fenômeno mundial. Ora, se é fenômeno mundial, não decorre da inflação.

O SR. IVO D'AQUINO — Estou, por ora, repetindo as palavras de v. excia. e acho que ainda não adulterei.

O sr. Getulio Vargas — Mas eu me baseei nas palavras de um mentor financeiro do Governo.

O SR. IVO D'AQUINO — Neste caso, e em concordância com a doutrina exposta, justificáveis eram todos os lucros por mais extraordinários, dos produtos nacionais e diante do fatalismo do fenômeno, todas as tentativas governamentais para a restrição e tabelamento dos preços, nos mercados internos, se revestiam de mais candida ingenuidade ou de uma burla laboriosamente aparelhada, em que o primeiro iludido era o próprio governo, desde que se estivesse conformado com a predominância dos mercados externos sobre o consumo nacional.

O sr. Getulio Vargas — V. excia. dá licença para um aparte? (assentimento do orador).

E' preciso distinguir entre elevação dos preços, de acordo com o custo médio da vida internacional, e a especulação interna dos preços, que é outra questão. O Governo tem obrigação de reprimir a especulação.

O SR. IVO D'AQUINO — Foi justamente a distinção que v. excia. não fez. V. excia. afirmou que a alta do custo de vida e da produção agro-pecuária...

O sr. Getulio Vargas — E confirmo.

O SR. IVO D'AQUINO — ...não era devida à inflação nem à falta de produção, mas aos mercados estrangeiros.

O sr. Getulio Vargas — Confirmo. E' necessário fazer-se a distinção entre alta do custo da vida e especulação.

O SR. IVO D'AQUINO — Mas v. excia. não fez essa distinção.

O sr. Getulio Vargas — Mas estou fazendo.

O SR. IVO D'AQUINO — Então, v. excia., a está fazendo agora.

O sr. Vitorino Freire — (Dirigindo-se ao sr. Getulio Vargas) — V. excia. nega que o Governo atual tem procurado reprimir essa especulação? V. excia. mesmo procurou reprimi-la.

O SR. IVO D'AQUINO — (Continuando) — Mas esta não era a realidade. Não foram apenas os produtos básicos brasileiros que aumentaram de preços. Foram todos. Nem o fenômeno se processou no decorrer dos anos de 39 a 45, em que os nossos produtos eram ansiosamente solicitados pelos consumidores estrangeiros. A alta do custo da vida sempre crescente, de ano para ano, sem exceção de nenhum deles, iniciou-se em 1934 e em relação direta, quase constante, com o aumento de moeda em circulação. Em outras palavras: acompanhou obedientemente a inflação.

O sr. Andrade Ramos — Verificou-se a teoria quantitativa da moeda.

O SR. IVO D'AQUINO — Exatamente. Formula, aliás, que v. excia. citou, em relação à inflação, apoiado em Irving Fisher, no seu magnífico trabalho intitulado "A inflação". Veja v. excia. que presto, não só minha homenagem a v. excia., como também atenção às palavras que v. excia. na matéria, profere com a maior autoridade.

O sr. Andrade Ramos — Bondade a gentileza de v. excia.

O sr. Getulio Vargas — V. excia. permite um aparte? (assentimento do orador) — Quero deixar bem claro o seguinte: E' que as medidas tomadas para reprimir a inflação são uma coisa, e que, para fazer essa repressão o governo não deve querer modificar o sistema da economia e das finanças do país, criando uma verdadeira bomba aspirante que absorve toda essa economia. Em vez de empregar medidas de repressão contra a especulação dos gêneros de primeira necessidade, o governo começou desfazendo-se dos meios, que tinha para reprimir essa especulação. No meu tempo, havia uma lei repressora dos crimes contra a economia popular. Essa lei não se aplica mais.

O sr. Ferreira de Sousa — A lei vigora. Está sendo aplicada pela justiça comum. Antes, aplicava-se a justiça especial.

O sr. Vitorino Freire — Perfeitamente. Está em vigor.

O SR. IVO D'AQUINO — V. excia. afirmou que havia a disciplina e o controle a respeito da elevação dos preços no mercado interno e que essa disciplina e esse controle foram realizados por s. excia. Não contrário, absolutamente, o aparte de s. excia. mas o quadro, que vou ler, demonstra exatamente que todas essas medidas foram ineficientes e a especulação sempre subreptou todos os esforços no sentido de diminuir o custo de vida dentro do país.

O sr. Marcondes Filho — V. excia. permite um aparte? (assentimento do orador) — V. excia. deverá consignar uma circunstância que é verdadeira: a crise ainda não existe propriamente dita. A meu ver, ela está sendo criada, sobretudo, por interessados, que se habituaram a ganhar 300 a 400% e que, hoje, não se contentam em ganhar 100%, apesar de ganharem, assim, talvez mais do que há cinco anos atrás.

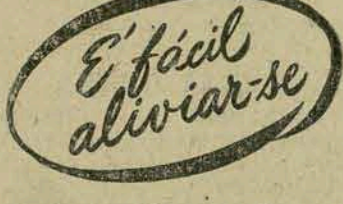
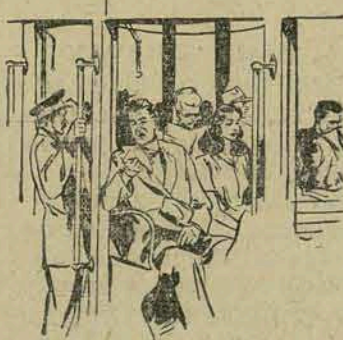
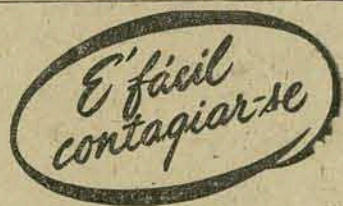
O sr. Vitorino Freire — Estou de pleno acordo com v. excia.

O sr. Marcondes Filho — E' preciso frisar isto. Estive em São Paulo e mantive contacto pessoal com amigos meus, industriais, negociantes. Depois, fui a Santos, on-

de, por acaso, se encontrava o ministro da Fazenda. Tive oportunidade de indagar a vários amigos e todos me declararam que a crise existia somente para aqueles que acabei de citar, mas correríamos, realmente, o risco de uma grave crise, se não houver da parte do Governo, uma palavra de confiança para as classes produtoras.

O SR. IVO D'AQUINO — V. excia. tem inteira razão e, daqui a pouco, verá que o meu discurso vai tocar no ponto tão brilhantemente exposto no seu aparte.

Continúa na 5a. página



É sempre fácil apagar um resfriado, nas grandes aglomerações. Ao primeiro sintoma, aplique imediatamente Mistol.

Algumas gotas em cada narina aliviam as mucosas irritadas e permitem uma respiração normal.



Mistol
PARA A HIGIENE NASAL

Use Mistol-Rub Unguento, para fricções sobre a garganta, o peito e as costas.

CAMINHONETE NOVA (Chassis)

CAPACIDADE 1.500 Ks.

VENDE-SE

INFORMAÇÕES NESTA REDAÇÃO

Discurso do Senador Ivo d'Aquino em resposta ao Senador Getulio Vargas

Continuação

O sr. Marcondes Filho — Muito obrigado a v. excia.

O SR. IVO D'AQUINO — O quadro, que vou ler, demonstra irrefutavelmente esta asserção. Discrimina, anualmente, de 1934 a 1946, o orçamento médio mensal, para uma família da classe média, de 7 pessoas, no Distrito Federal e o montante da moeda em circulação.

Moeda em circulação e custo da vida

ANOS	Moeda em circulação Em milhões de cruzeiros	Custo da vida em cruzeiros	INDICES	
			1930 — 100	
			Moeda em circulação	Custo da vida
1934 ...	3.157	1.735	111	104
1935 ...	3.612	1.328	127	109
1936 ...	4.050	2.099	142	125
1937 ...	4.550	2.260	160	135
1938 ...	4.825	2.354	170	140
1939 ...	4.971	2.416	175	144
1940 ...	5.185	2.511	182	150
1941 ...	6.647	2.803	234	167
1942 ...	8.238	3.134	290	187
1943 ...	10.981	3.475	386	207
1944 ...	14.462	3.845	508	229
1945 ...	17.535	4.469	616	267
1946 ...	20.494	5.009	720	299

Estes dados refutam inteiramente qualquer afirmação que pretenda isolar da influência inflacionista o custo da vida; e todas as estatísticas que se puderem reunir nesse sentido confirmarão o quadro que acaba de ser lido e que, indubitavelmente, é baseado em dados rigorosamente extraídos de fontes oficiais e autorizadas.

O sr. Getulio Vargas — V. excia, dá licença para um aparte? (assentimento do orador) — Os Estados Unidos e o Canadá têm emitido algumas centenas de vezes mais do que o Brasil e, no entanto, a vida nesses países é mais barata que aqui. Há uma larga margem para especulações.

O sr. Ferreira de Sousa — Perfeitamente, porque nesses países a inflação foi atenuada um pouco pelo aumento da produção.

O sr. Bernardes Filho — Porque os mercados locais estão em condições de absorver a inflação.

O sr. Andrade Ramos — Os Estados Unidos estavam fabricando para o mundo inteiro. Os meios de pagamento deviam aumentar na proporção do acréscimo da produção.

O SR. IVO D'AQUINO — Mas isso prova exatamente que o governo americano tomou medidas nesse sentido. O governo americano fez distinção entre os preços do mercado interno e os do mercado externo.

O sr. Getulio Vargas — Além disso, o nobre senador Roberto Simonsen pediu um inquérito a respeito da crise das indústrias. O Senado, trabalhando com todo interesse no assunto, poderá descobrir coisas muito interessantes.

O SR. IVO D'AQUINO — Sr. Presidente, quando uma inflação monetária atinge um ponto tão perigoso vem sempre acompanhada por uma inflação de créditos e já está altamente influenciada pela auto-propulsão que a caracteriza. Se providências não forem tomadas para dete-la, acaba-se, fatalmente, num "erak".

A esse respeito, não me furto ao prazer de ler, para o Senado, a magnífica lição contida no último relatório do Banco do Brasil.

"A ilusória fase ascendente do ciclo econômico é provocada pela expansão de crédito e mantém-se enquanto esta prossegue ou não é seguida de um movimento contrário. E' que essa expansão provém das facilidades estabelecidas para os empréstimos bancários. Os Bancos tornam-se menos exigentes em matéria de garantias; dilatam os prazos dos vencimentos; facilitam reformas e nada indagam sobre a aplicação dos empréstimos. A produção, porém, não se pode desenvolver de modo ilimitado.

Quando a expansão persiste, os industriais, uns após outros, passam a trabalhar até o limite de sua capacidade de produção e começam a pedir preços mais altos para os seus produtos. A aceleração do processo de expansão não é determinada apenas pelo aumento do volume dos instrumentos monetários.

A expansão constitui processo de caráter contínuo que, uma vez iniciado, adquire impulso. Todavia, chega o instante em que os bancos precisam intervir para refreá-la, mas a contração de crédito é providência muito precizada, em virtude das consequências que pode ocasionar.

Tendo em vista que só uma medida radical pode deter o movimento de expansão quando ele adquirir certa velocidade, devemos temer que a intervenção, além de dete-lo, possa provocar a inversão da tendência, gerando-se, assim, um movimento de contração que também será processo de caráter

O sr. Getulio Vargas — V. excia, permite um aparte? O SR. IVO D'AQUINO — Com todo o prazer.

O sr. Getulio Vargas — Estou ouvindo com atenção, o seu discurso. E, uma vez que v. excia, está citando o Relatório do Presidente do Banco do Brasil, que é o "magisterdixit" em matéria financeira no país, desejo que o ilustre orador me explique por que, no ano de 1946, foi dado, por aquela entidade, um crédito maior para as construções civis, do que o concedido em 1945. Este fato consta do Relatório, em algarismos.

O SR. IVO D'AQUINO — V. excia, alega que o Banco do Brasil concedeu, para as construções civis, um crédito maior do que o reservado às demais atividades produtivas.

O sr. Getulio Vargas — Não! O Banco do Brasil concedeu, em 1946, um crédito maior do que o facultado, em 1945, para construções civis. Refiro-me estritamente ao caso das construções civis.

O SR. IVO D'AQUINO — O argumento absolutamente não destrói o fenômeno econômico que descrevo. Não tenho dados positivos, no momento, para fazer o confronto que exige o aparte de v. excia. De qualquer maneira, no entanto, posso afirmar que a inflação de créditos se processou durante vários anos e continuou quase até os nossos dias, quando o Governo atual resolveu tomar medidas para sua disciplina.

Quanto à inflação de créditos para o gado indiano, o aumento dos empréstimos pecuários da Carteira do Crédito Agrícola do Banco do Brasil, entre 1943 e 1945, é um testemunho irrefragável:

Em milhões de cruzeiros:

1943 762

1944 2.078

1945 3.329

O sr. Getulio Vargas — E se eu disser a v. excia, que a pecuária tem pago, religiosamente, todos os empréstimos que lhe têm sido concedidos, pelo Banco do Brasil?

O SR. IVO D'AQUINO — Não afirmo nada em contrário ao alegado por v. excia. Pelo que percebo, v. excia, não está compreendendo bem minha exposição. Não estou acusando ninguém pelo fato de se ter concedido ou não os créditos em apreço, nem tem importância, para o fenômeno econômico, os créditos terem sido ou não religiosamente pagos. Estudo o assunto sob o ponto de vista econômico.

O sr. Getulio Vargas — Julgo que tem importância, mas não quero mais interromper v. excia.

O SR. IVO D'AQUINO — Estou demonstrando a v. excia, que o fenômeno econômico que se processou, talvez sem atenção dos próprios governos ou à revelia dos seus desejos determinou uma crise em que talvez se não possa apurar culpas pessoais, mas que, na realidade, atingiu fase em que o Governo tem obrigação de tomar medidas para debela-la.

O sr. Bernardes Filho — Não ouvi a resposta que v. excia, possa ter dado à alegação de que houve aumento de empréstimo do Banco do Brasil para construções civis em 1946. Este banco não faz financiamento imobiliário, salvo a hipótese de ter encampado empréstimo de terceiros.

O que presumo deva ter havido é um aumento dos empréstimos comerciais à firmas construtoras, por força, talvez, de terem os Institutos cessado os financiamentos imobiliários.

E' o que presumo. Não tenho, porém, certeza.

O SR. IVO D'AQUINO — Agradeço a v. excia, a explicação que acaba de dar. Há outro aspecto do processo inflacionista que desejo examinar agora.

A sombra da alta dos preços e das licenciosidades do crédito, surgiram muitas atividades anti-econômicas. São organizações que, não dispondo de boas condições de aparelhagem e de técnica, só podem fornecer produtos de qualidade inferior e a preço de custo demasiadamente elevado. Ser-lhe-ia impossível, dentro de uma economia ajustada, competir com organizações similares que produzem com bom rendimento.

Assim, logo que a conjuntura econômica se aproxima da normalidade, isto é, quando o preço de venda no mercado, caminhando, se baixa, para um justo equilíbrio, se nivela com o preço de custo dos seus produtos, todas essas produções artificiais estarão automaticamente eliminadas.

Entretanto, durante a fase dos preços inflados, a proliferação das atividades de emergência, quase todas industriais, iam absorvendo muitos milhares de braços, tirados das lavouras de gêneros alimentícios. Eram sempre atraídos pelos salários mais altos que os preços das manufaturas, em constante elevação, permitiram pagar o que as lavouras não podiam suportar.

Um outro fator de agravação atuou fortemente. Foi a continuação de obras adiáveis: melhoramentos urbanos, usinas para funcionamento remoto, construções, suntuárias, etc. Tais empreendimentos, sem finalidade de produção imediata, mas todos oferecendo salários atraentes, iam canalizando os trabalhadores agrícolas, o que vale dizer, diminuindo a produção de bens de consumo, que começavam, então, a escassear.

Em pouco, toda a mão de obra disponível estava absorvida. Entrou o país, assim, na fase perigosa do "full employment", expressão que se pode traduzir por "emprego pleno". Daí em diante um leilão de braços se estabeleceu e os operários, desajustados e nas novas atividades em que iam trabalhar, tirado daquelas em que eram peritos, passavam de empresa a empresa, ao sabor dos lances, cada vez mais elevados, de licitantes anti-econômicos. Como consequência inevitável, a produção não aumentou e, ao contrário diminuiu em muitos ramos, a tempo que o poder aquisitivo geral continuava a subir, como efeito inevitável dos salários em alta. Vimos, por isso o espetáculo das filas criar o descontentamento das massas e as privações se acentuaram a todas as camadas sociais.

É evidente que um tal estado de coisas tinha de ter um paradeiro, pois seria impossível optar por um "laissez faire, laissez aller" cujo final previsível seria um colapso econômico.

Impoz-se, desse modo, ao ilustre presidente Dutra o imperativo de evitar esse colapso.

Entretanto, as providências a serem postas em prática, muitas de caráter restritivo, tinha de provocar o descontentamento dos beneficiários da inflação.

Já há mais de um ano, o relatório do Banco do Brasil, relativo ao exercício de 1945, alerta, a Nação contra a grita desses beneficiários com as seguintes palavras:

"A inflação prejudica a economia e arruina as classes médias; mas favorece os especuladores, os negociantes e os maneijadores profissionais da moeda; os que vivem de salários são fortemente atingidos apesar da compensação dos aumentos.

Socialmente a inflação é nefasta às classes médias, prejudicial aos que vivem de salários, proveitosa à plutocracia e útil aos partidos revolucionários.

A História tem registrado que, nos períodos de inflação, a plutocracia e demagogia, esforçam-se por manobrar em consonância.

A ação perversa da inflação produz a instabilidade do meio econômico e social; os costumes decaem; chega-se até a negar o poder público.

Esta negativa causa a insegurança da massa proletária e gera perseguições sociais e o aparecimento do vírus revolucionário.

A legitimidade do poder passa a ser discutida pelos grupos econômicos que se forma. Aparecem, assim, as tentativas de domínio do Estado pela alta finança e os grandes industriais; surgem, então, os reis da inflação.

A alta finança, em vez de defender os interesses coletivos da nação, como faz o Estado, procura antes de tudo defender os seus próprios negócios.

No período de excitação, formam-se novas empresas, aumentam-se os capitais das que já existem criam-se novos bancos e casas bancárias e todos obtem grandes lucros provenientes da alta de preços que a inflação ocasiona.

Uma onda de prazer e luxo invade o país; todos os hotéis e casas de diversões são assalados por uma clientela ávida de gastar; vivem repletos os armazéns, as lojas e as casas de apartamentos; surgem empreendimentos de aventura; avenidas suntuárias; levantam-se palácios para a instalação das repartições do Estado; rasgam-se auto-estradas e instalam-se cassinos de diversões; há escassez de mão de obra.

Nas casas econômicas e nos

bancos os depósitos avultam. Mas, de repente, no auge de toda esta prosperidade, manifesta-se a depressão que precede a catástrofe.

Debaixo da máscara enganadora da prosperidade existe somente dano, porque os lucros aparentes que a alta de preços propicia são uma perda ilusória e arruinam lentamente os beneficiários.

Assim, todas as brilhantes construções realizadas pela inflação baseiam-se em uma ficção.

O Governo Federal, em face do ponto crítico a que tinha chegado o processo inflacionista, encarou o problema com alta visão realista e, arrostando a esperada reação dos que lucravam com a inflação, tomou e poz em prática as medidas necessárias a preposição gradual do equilíbrio econômico, no sentido de evitar o "erak" já próximo e de prevenir maiores abalos.

A ação governamental começou pela suspensão de novos créditos para fins especulativos e por uma política que forçasse, sem choques, a liquidação paulatina das posições, sem finalidade econômica, até então existentes. Fez-se o controle seletivo do crédito, retirando-se os recursos empregados nos setores de pura especulação para os setores das atividades legítimas especialmente para a produção de bens de consumo essenciais.

Simultaneamente, para congelar uma parte dos meios de pagamento em excesso, imobilizaram-se, compulsoriamente, em letras do Tesouro a curto prazo, 20% das quantias originadas das compras de cambiais de exportação.

São duas providências harmônicas atuando no sentido do equilíbrio econômico. A primeira aumenta a oferta de mercadorias e afasta as especulações; a segunda diminui a procura, pela retenção temporária de uma parte do excesso dos meios de pagamento.

Os benéficos efeitos dessa sábia orientação já se fazem sentir. Atrevo-me mesmo a dizer que a inflação está detida. A batalha foi e continua árdua. Mas a vitória já está sendo vislumbrada. Muitos dos preços excessivamente altos já estão declinando. A confiança está sendo resposta e, sem que o volume geral dos créditos bancários tivesse diminuído, a posição das caixas dos bancos tende a melhorar. O Banco do Brasil vem entregando à Superintendência da Moeda e do Crédito, de acordo com a lei, as percentagens estipuladas sobre os depósitos a vista e a prazo.

A política de crédito que vem sendo seguida, além de salutar princípio de seleção, já assinalado, tem sido liberal e construtiva. Contrariamente ao que se vem dizendo o Banco do Brasil vem amparando, dentro do possível e aconselhável, muitas empresas e instituições de crédito, não raras vezes em situações difíceis.

Seria um erro grave, entretanto, estimular aquelas cujas atividades anti-econômicas só podem prosperar no regime de preços inflados. São os que se não preocuparam durante a fase dos grandes lucros, com a formação de reservas que lhes permitissem substituir os seus equipamentos, obsoletos e desgastados, por aparelhagens modernas de alto rendimento.

O sr. Presidente — (Fazendo soar os timpanos) — Lembro ao nobre orador que está esgotada a hora do expediente. A Ordem do Dia consta de trabalhos das Comissões, pelo que pode v. excia, continuar seu discurso.

O SR. IVO D'AQUINO — Muito agradecido a v. excia.

Esses imprevisíveis só poderão ser amparados à custa de preços asfixiantes e, mais do que tudo, em detrimento da esmagadora maioria dos brasileiros que vivem de rendas e salários fixos.

Os operários desajustados dessas indústrias marginais não ficarão sem emprego, como pretendem os pessimistas. A maior parte deles voltará às atividades em que trabalhavam com conhecimento do ofício. Os poucos outros, sem dúvida, serão absorvidos pelo aumento da produção agrícola, ora estimulada pelo Governo Federal, e pela expansão das indústrias legítimas que fizeram reservas e que podem trabalhar, em boas condições de rendimento, dentro de um ambiente econômico normal.

Além disso podemos esperar, agora, um surto industrial ponderável, racionalmente apoiado pelas indústrias básicas quasi em pleno funcionamento. E' lícito esperar, também, um rápido aproveitamento das nossas riquezas minerais atraídas.

Conclua na 7a página

Blumenau, 31, (Do correspondente)—Sebastião Cruz, um dos grandes baluartes do nosso desporto, demitiu-se da presidência da Liga Blumenauense de Desportos, bem como tôda a diretoria, em sinal de protesto pela atitude do Olímpico, em não querer disputar o Campeonato de 1947.

O Estado Esportivo

Direção de PEDRO PAULO MACHADO

Tentará o Clube Atlético Catarinense derrubar o Avaí, da liderança

Fadado a alcançar o maior sucesso o jogo entre tricolores e alvi-celestes. José Ribeiro dirigirá a partida

CLUBE ATLÉTICO X AVAÍ
O vitorioso certame amadorista catarinense de futebol, promovido pela Federação Catarinense de Desportos, vai prosseguir, na tarde de hoje, no "stadium" da rua Bocaiuva, no horário do costume, com mais um empolgante embate destinado a arrastar numeroso público ao local da luta pebolística em que se degladiarão Clube Atlético e Avaí.

Os palpites chovem favoráveis a um e outro clube, o que dá uma idéia do grande interesse reinante em torno da pugna. O espetáculo de hoje, deverá revestir-se de lances sensacionais, que deixarão em "suspense" o nosso respeitável público entusiasta do popular esporte bretão, constituindo uma das mais empolgantes peças do turno neutro.

O Clube Atlético vem cumprindo ótimas "performances", figurando como um dos maiores candidatos ao centro de campeão amadorista da metrópole catarinense. De jogo para jogo, a briosa equipe do comandante Nilo Chaves, apresenta-se cada vez mais aguerrida e experimentada. Já enfrentou e venceu os fortes quadros do Caravana do Ar e do Figueirense, baqueando unicamente frente ao Paula Ramos, o único clube derrotado pelo Avaí.

O tetra campeão catarinense, marcha invicto na liderança. Ex-treando com grande destaque frente ao valoroso esquadrão do Paula Ramos, onde colheu bonito triunfo, o "team" azurra encontrou no Figueirense um antagonista modesto, mas de enorme fibra e combatividade, com o qual empatou por um tento.

Será um páreo duro para o Avaí o compromisso de hoje com os rapazes do 14º B. C., que para der-

rotá-lo, usarão todas as suas possibilidades físicas e técnicas, afim de conseguirem um lugarzinho na liderança.

O Clube Atlético está firme e disposto a quebrar a invencibilidade de seu categorizado adversário que tantas vezes encerrou as

contendas com os louros do triunfo.

Calcula-se que a renda baterá o record do campeonato, devendo atingir os três mil cruzeiros.

José Ribeiro, o árbitro n. 1 dos gramados catarinenses, dirigirá o encontro.

Palmeiras homenageará o governador Moisés Lupion

Curitiba, 31 (A. N.) — Amanhã, domingo, a cidade de Palmeiras homenageará o presidente da Assembléia Constituinte, João Chede, sendo lançada a pedra fundamental da rede de água e esgoto, com a presença do governador Moisés Lupion e Benjamin Mourão, secretário da Viação e Obras Públicas, além de outras

altas autoridades. Em seguida terá lugar um almoço oferecido pelas classes conservadoras. O governador Moisés Lupion, logo após será submetido a uma sabatina pela população de Palmeiras, com a qual debaterá problemas regionais. Diversas provas esportivas serão realizadas em homenagem aos visitantes.

Meu amigo estudante

Disseste-me que já praticastes educação física na tua escola. Sim! umas escassas duas vezes por semana, quando não chove ou aparece um feriado. Isso é pouco muito pouco! Porque não é mais? Porque existe por aí, muito pedagogo, que não acredita na educação física. E' por isso que eu afirmo, executadas, é claro, muitas excessões, que essa educação física que praticastes, só foi praticada por força de lei, por imposição dos poderes publicos e não pela convicção de muitos dos responsáveis pela formação das gerações de amanhã. A educação física tem esbarado em fortes baluartes de resistência, representados por um prestigioso contingente de retrogradados conservadores aos quais causa pena e susto o ver transformarem-se os antiqua-

dos sistemas educacionais nos quais eles ganharam e podem ainda "jogar de mão."

Não são todos, é claro, mas representam ainda apreciável maioria os que argumentam que antigamente não se fazia educação física e se estudava mais. Mas esquecem, não sei se de propósito, que antigamente o "modus vivendi" não dispunha das inúmeras facilidades de agora. Naquele tempo bons tempos pode ser, a vida já era por si um exercício. Hoje o ônibus, o bonde, o automóvel, a água canalizada, a eletricidade e muitas coisas mais, acrescidas ainda da lei do menor esforço, conspiram para o atrofiameto dos teus músculos.

Não vá interpretar, meu jovem amigo, que pelo fato de preconizar a prática "praticada" da educação física, estou recomendando menores cuidados com o estudo. Não! O que eu aconselho é que faças exercícios, o suficiente para manter a tua saúde em ótimas condições, e o teu cérebro convenientemente arejado, apto, portanto, para receber e assimilar os estudos necessários e indispensáveis ao teu futuro.

Nunca, como agora, precisou o homem de uma cultura generalizada e sólida. Mas, também, nunca como agora, precisou ele de um grande potencial de energias para manter a atividade na marcha acelerada destes tempos. Para suportar as corridas de automóveis, que cada vez correm mais, faz-se misturar coração, estômago, etc.; para as operações que sobem cada vez mais grandes alturas onde nos levam ainda mais sentiremos a necessidade de um funcionamento perfeito e ótimas condições de saúde.

Por isso, meu jovem amigo, o que eu aconselho é que o teu trabalho

MOVIMENTO DO CAMPEONATO AMADORISTA DE FUTEBOL

Com a realização da 4ª rodada, é o seguinte o movimento do Campeonato Amadorista de Futebol da Primeira Divisão:

Jogos realizados

Bocaiuva 2 x Colegial 1
Avaí 5 x Paula Ramos 4
Atlético 2 x Caravana 1
Avaí 1 x Figueirense 1
Caravana 7 x Bocaiuva 1
Paula Ramos 3 x Atlético 1
Colegial 3 x Caravana 2
Atlético 5 x Figueirense 3

Goleadores

Leônidas (Caravana) 5
Saul (Avaí) 4
Augusto (Figueirense) 4
Djalma (Atlético) 3
Hazam (Caravana) 3
Hélio (Colegial) 2
Chocolate (Paula Ramos) 2
Mandico (Paula Ramos) 2
Medinho (Atlético) 2
Careca (Bocaiuva) 2
Lázaro (Paula Ramos) 1
Nizeta (Avaí) 1
Machado (Atlético) 1
Lauro (Colegial) 1
Silva (Caravana) 1
Ari (Avaí) 1
Capeta (Atlético) 1
Irassú (Atlético) 1
Íbio (Bocaiuva) 1
Carioni (Paula Ramos) 1
Fornerolli (Paula Ramos) 1
Lebetinha (Caravana) 1
Duduca (Colegial) 1

Arqueiros Vazados

Rubinho (Bocaiuva) 8
Currú (Atlético) 7
Hélio (Caravana) 6
Ari (Figueirense) 6
Adolfinho (Avaí) 5
Vadico (Paula Ramos) 4
Bitinho (Colegial) 2
Brognoli (Colegial) 1
Tatú (Paula Ramos) 1
Calixto (Paula Ramos) 1

Juizes que Atuaram

José Ribeiro 3 vezes.
Waldemiro Melo 3 vezes.
Newton Monguilhot 1 vez.
Lúcio Carvalho 1 vez.

Movimento Financeiro

Colegial x Bocaiuva Cr\$ 540,00
Avaí x Paula Ramos Cr\$ 2.106,00
Atlético x Caravana Cr\$ 790,00
Avaí x Figueirense Cr\$ 2.524,00
Caravana x Bocaiuva Cr\$ 575,00
Paula Ramos x Atlético Cr\$ 1.475,00
Colegial x Caravana Cr\$ 698,00
Atlético x Figueirense Cr\$ 1.980,00
Total Cr\$ 10.688,00

SITUAÇÃO DOS CLUBES

CLUBE	Classificação	Jogos realizados	Vitórias	Derrotas	Empates	Pontos ganhos	Pontos perdidos	Goals pró	Goals contra
Avaí	1º	2	1	0	1	3	1	6	5
Atlético	2º	3	2	1	0	4	2	8	7
Paula Ramos	2º	2	1	1	0	2	2	7	6
Colegial	2º	2	1	1	0	2	2	4	4
Bocaiuva	2º	2	1	1	0	2	2	3	8
Figueirense	3º	2	0	1	1	1	3	4	6
Caravana	4º	3	1	2	0	2	4	10	6

Um novo clube esportivo

São Luiz, 31 (A. N.) — Os oficiais, sargentos e soldados da Aeronáutica acabam de fundar o Club Social Esportivo Azas, que se destina às lides do futebol, basquetebol e voleibol.

O PAULA RAMOS DERROTOU O BOCAIUVA POR 4 x 1

Nun prégio fraco, assistido por reduzido público, o Paula Ramos com facilidade derrotou pelo escore de 4 x 1, tentos de Abelardo (2), Carioni e Calixto para o vencedor e Testa para o vencido.

Em nossa próxima edição publicaremos a reportagem do jogo.

A Argentina e as olimpíadas

B. Aires, 31 (U. P.) — O presidente do Comité Olímpico Argentino convocou diversas federações esportivas para estudarem a participação da Argentina nas olimpíadas de 1948, em Londres.

seja o estudo e o teu recreio e desporto.

Onde? Como? E' de fato difícil... Dai este modesto apêlo: sejamos unânimes em trabalhar para que se faça uma realidade o ESTÁDIO DE FLORIANÓPOLIS.

Rui Stockler de Sousa

PROGRAMA ESPORTIVO PARA HOJE

Futebol
Nesta Capital:
Clube Atlético x Avaí (aspirantes), às 13.30 horas, no estádio da F. C. D.

Avaí x Clube Atlético (titulares), às 15.30 horas, no estádio da F. C. D.

No Rio de Janeiro:
Flamengo x Fluminense.
Madureira x Canto do Rio.
Olaria x Bangú.

Em Porto Alegre:
Cruzeiro x Renner.

Tenis
Em Hajaj:
Lira Tennis Clube x Marcilio Dias

O INTERNACIONAL JOGARÁ HOJE EM BIGUAÇU

Afim-de enfrentar o possante "onze" do Biguaçuense F. C., de Biguaçu, deverá seguir hoje aquela cidade o valoroso conjunto do Internacional F. C. que se apresentará integrado por todos os seus elementos titulares.

Iate Clube de Florianópolis

ASSEMBLÉIA GERAL (CONVOCAÇÃO)

De acôrdo com os estatutos, são convocados os ars associados para a Assembléia Geral a ser realizada no próximo domingo, dia 1º de Junho, às 9.30 horas, na sede social do Iate Clube de Florianópolis, à rua Frei Caneca n. 107, afim de se proceder a eleição da sua nova Diretoria.

R. C. SOUZA - Secretário.

Será modificado o «team» do Caravana do Ar

A reportagem do "O Estado Esportivo", apurou que o técnico Manoel Tourinho irá introduzir várias modificações no conjunto do Caravana do Ar, em vista do fracasso frente ao modesto esquadrão do Colegial, no qual foi derrotado por 3 x 2.

Declarou-nos o sr. Tourinho, que enquanto Waldir estiver sob cuidados médicos, Aduci formará zaga com Moraci. Aliás, a ausência de Aduci foi muito sentida no prégio com o Colegial, por tratar-se de um elemento dotado de enorme vontade combativa e bastante aperfeiçoado no manejo do "balão".

Na linha de frente, será mantida a ala direita Sanford-Lebelinha. O centro-avante Leônidas será

deslocado para a extrema-esquerda, cedendo seu lugar a Paes, do quadro de aspirantes. A meia-esquerda será ocupada por Manara, também do team secundário. Gustavo, outro elemento do esquadrão aspirante, substituirá Adão, devendo formar com Verzola e Haroldo a linha média. Gustavo, Manara, Aduci e Paes vêm se destacando sobremaneira nas peças do Campeonato de Aspirantes, muito devendo o conjunto suplente a estes elementos a honrosa posição de líder invicto. São quatro novatos que muito prometem.

Aguardemos, pois, a apresentação do novo conjunto do Caravana do Ar, no embate do dia 14, com o categorizado "team" do Paula Ramos.

Discurso do Senador Ivo d'Aquino em resposta ao Senador Getúlio Vargas

Conclusão

das da colaboração da técnica e dos capitais externos que a Constituição em vigor sabiamente permite.

Não entrevejo, por tudo isso, a multidão de desempregados que o pessimismo anuncia. Espero, ao revés, uma próxima solicitação maior de mão de obra, para cuja satisfação o Governo, com acerto, já está procurando atrair imigrantes.

A política econômica que ora se pratica, parece-me a única aconselhável para evitar o "crack" a que a inflação progressiva fatalmente chegaria. Parece-me, também, a mais aconselhável, quando procura o equilíbrio da economia nacional sem qualquer processo de deflação e sem abalos, na estrutura do país. Parece-me, ainda, a melhor, quando tende a obrigar o reajustamento das atividades anti-econômicas surgidas durante o período da inflação e quando procura eliminar as poucas que não estão em condições de se reajustar.

Sr. Presidente, uma das obrigações que tem o homem público, principalmente o parlamentar, é falar a verdade à Nação. Não temos o direito de, levados pelas ondulações da dialética, iludir as massas, mantendo-lhes no espírito, sonhos e fantasias, que um breve futuro desmentirá fatalmente. Por isso, no meu discurso tive a preocupação de tocar a realidade, para que não ficássemos na convicção de que o Brasil atravessa uma fase bonançosa, que dispense os desvelos, o sacrifício e as energias não apenas do governo, mas de todas as classes sociais.

A nuvem que paira sobre as nossas cabeças já vinha tormentosa e carregada há muitos anos. Apenas não tinha posto medo nos corações, porque todos — por que não dizer todos nós? — nos embalsamávamos nas ilusões criadas pelas crepitações da inflação, que tudo sobredeitava e parecia alegrar.

Sempre nos esquecemos das lições do passado.

Se delas nos recordássemos quando deveríamos, teríamos diante dos olhos o exemplo bíblico que é um símbolo: o dos sete anos de fartura e sete de privações, fases essas que, com maior ou menor dilatação de tempo se repetem na história econômica e financeira de todos os povos, sinão por igualdade, mas quando menos por analogia.

Talvez tenhamos sido imprevidentes e alimentado no espírito uma ilusão que tristemente agora se dilui, mas que nem por isso deve desmerecer o nosso cuidado e a nossa atenção. Nesta hora, o levantamento do crédito nacional, o fortalecimento das nossas energias econômicas e financeiras não dependem tão só dos governos e das administrações; estão condicionadas também à vontade e ao esforço de todas as classes produtoras que precisam compreender que, se não nos detivermos no declive que se abre diante de nós, fatalmente encontraremos a ruína, sem mais remédio ou socorro.

Há quem diga que a prosperidade nacional, nestes últimos anos, em tudo se refletiu, até mesmo nos orçamentos públicos, os quais, por milagre, cresceram quase de ano para ano, em cerca de 50%. Os orçamentos no Brasil são, ou, pelo menos, podem comparar-se aos países-de-ló de confeitarias, dilatados e crescidos a poder de fermento, sem que por isso tenham aumentado as substâncias nutritivas. O que tanto faz avultar os nossos orçamentos, sobretudo os dos Estados, talvez seja o fermento da inflação...

O sr. Vitorino Freire — Sim, porque os 12 bilhões do orçamento atual não valem os 4 dos anteriores.

O SR. IVO D'AQUINO — ...que poderão levar os administradores no Brasil, a fatais ilusões, se não tiverem em consideração os motivos da aparente prosperidade desse curto financeiro. São orçamentos gravados, muitos deles, com mais de 50%, destinados a pagamentos de pessoal, orçamentos cuja receita se baseia em impostos indiretos, cobrados "ad valorem", não podendo, portanto, inspirar confiança ao administrador. E por isso, todos os governantes do Brasil devem ter em atenção que, refreio do surto inflacionista, podem ficar na contingência de, antes de terminado o terceiro semestre do exercício anual, não estarem em condições de pagar o funcionalismo.

O sr. Durval Cruz — Rigorosa verdade essa.

O sr. Vitorino Freire — E a verdade.

O SR. IVO D'AQUINO — Por isso impõe-se, entre outras me-

lidas para deter a inflação, uma rigorosa compressão das despesas e, sobretudo, que os gastos públicos se aliciem, de preferência, a obras produtivas.

Vejam os srs. senadores que, quando me refiro à inflação, não é meu propósito acusar quem quer que seja de ter sido a causa do fenômeno. Talvez motivos inponderáveis, atuações que escaparam à disciplina da previsão e do esforço dos administradores tenham determinado o fenômeno a que vimos assistindo há mais de 10 anos, e cujas consequências só agora começamos pesadamente a sentir.

Tem-se pensado que o fato de o Brasil ter a sua dívida interna reduzida, apresenta isso prosperidade econômica e financeira. Na exposição de motivos que ainda há pouco li, feita pelo sr. ministro Sousa Costa, há um tópico em que s. excia. alude à demora na afluência ao Tesouro Nacional das quantias resultantes da aquisição das obrigações de guerra. E é mesmo com certa melancolia que s. excia. acentua o fato de aceitação das obrigações de guerra não corresponder, pelo menos na subscrição voluntária, aos desejos do governo, sem dúvida nenhuma patrióticos.

Mas por que não correspondeu? Pelo mesmo motivo que os mercados internos se retraem na aquisição de títulos públicos em geral. E a razão é muito simples, sr. Presidente: se o dinheiro tem lucro fácil, se a especulação favorece todos os negócios, se não custa obter, para a moeda, mais farta remuneração, por que se haveria de adquirir títulos públicos, cujo rendimento é, e não pode deixar de ser, severamente dosado, em benefício da própria administração pública da coletividade?

O sr. Vitorino Freire — V. excia. tem razão. Ninguém compraria títulos do governo quando, num apartamento, poderia ganhar até 800%.

O SR. IVO D'AQUINO — E' por isso que a dívida interna, consolidada, do Brasil, não aumentou; e é pena que tal não acontecesse, porque, por seu intermédio, absorveríamos, sem dúvida nenhuma, grande quantidade de moeda circulante, que é uma das causas da inflação.

O sr. Durval Cruz — Melhor teria sido a absorção pelo aumento da produção.

O SR. IVO D'AQUINO — Sr. Presidente: não há muitos dias, a imprensa e todas as bocas aclamavam que estávamos ante uma crise de tal jeito alarmante que levava todos os espíritos a deserer fivessem os governantes do Brasil capacidade e força, já não digo para debela-la, senão para susta-la.

Criou-se um pânico repentino, correndo a notícia de que a política do governo no aforroamento dos créditos em geral...

O sr. Vitorino Freire — Ambiente criado pelos especuladores. (Muito bem).

O SR. IVO D'AQUINO — ...e que o Banco do Brasil, que reflete econômica e financeiramente o pensamento do governo, havia fechado, as suas portas, não só para os particulares, como para todos os bancos, na sua Carteira de Redescontos.

O discurso do nobre senador Getúlio Vargas parecia cristalizar todas as apreensões, todo o pânico. E dele poderia inferir-se que, realmente, havíamos chegado a um ápice tal da crise, dentro do Brasil, que quasi já não haveria para ela mais remédio.

O sr. Vitorino Freire — Acredito na boa fé e na sinceridade do sr. Getúlio Vargas.

O sr. Getúlio Vargas — Em meu discurso, disse justamente o contrário do que declara o nobre líder da maioria. Afirmei que, se deixássemos de descrever a situação do Brasil, como sendo catastrófica, e a descrevêssemos utilizando dados verdadeiros, a confiança se restabeleceria na opinião pública.

O SR. IVO D'AQUINO — Realmente, v. excia. também afirmou o que acabo de dizer em aparte.

Mas, se, por um lado, as palavras de v. excia. revelam confiança no Governo, — pelo menos confiança aparente — todo o correr do seu brilhante discurso encerrava uma onda de pessimismo, que mal pode ser esmaecido com a declaração que o nobre senador acaba de fazer.

Não quero dizer que v. excia. tenha mesmo e nem me atreveria a avançar que o tivesse feito maliciosamente. As palavras, todavia, nem sempre valem pelas suas intenções. As palavras, muitas vezes, ferem, repelem e influem pela sua própria forma e pelo seu próprio enunciado.

Assim, não posso deixar de tra-

zer nesta hora, a palavra do Governo, que reflete, ao mesmo tempo, as aspirações de todas as classes produtoras e laboriosas do Brasil.

O sr. ministro Corrêa e Castro, logo após o discurso do nobre senador Getúlio Vargas, fez a todos os jornais do Rio de Janeiro, uma exposição sobre a situação econômica de São Paulo, tocando precisamente os pontos nevrálgicos contidos naquele discurso.

Um deles foi a respeito da crise da indústria paulista, em que o ministro Corrêa e Castro diz precisamente o seguinte:

"Não se trata propriamente de crise a não ser que se queira dar esta denominação a dificuldades passageiras atendidas, no devido tempo, pelo Governo."

Quando, no começo do meu discurso, eu afirmava que a crise de momento decorria de fatores que eu ia explicar, o nobre senador Getúlio Vargas aparteou-me dizendo que eu estava em contradição com o sr. ministro da Fazenda, pois aquele titular afirmara não haver crise.

Vê s. excia. que as palavras do sr. ministro da Fazenda não são precisamente essas. O sr. ministro reconheceu as dificuldades embora passageiras atendidas, no devido tempo, pelo Governo.

Nessa entrevista ou exposição, s. excia. explica que a crise da indústria paulista, especialmente a referente aos tecidos "rayon" e de algodão, estava debelada, com as medidas assistenciais do Governo e declara, ainda, que ao seu conhecimento não chegara reclamações concernentes a quaisquer outras atividades industriais naquele Estado.

Quanto a crise do café e eselarecimento dado por s. excia. e que em me dispense a repetir, porque foi publicada em todos os jornais desta Capital, não poderá ser contestado.

Mas isso seria o menos importante. O que era de saber e de indagar é se o Governo da República, em face da crise do café havia tomado as providências necessárias para debela-la, ou, pelo menos, amenizá-la. Na aludida entrevista, o sr. ministro Corrêa e Castro expõe as providências do Governo para resolver o assunto, providências essas que já se fizeram sentir em benefício daquele produto paulista.

O sr. Getúlio Vargas — Fizera-se sentir depois da ida do sr. ministro da Fazenda a São Paulo. Antes não.

O sr. Vitorino Freire — Antes da ida do ministro a São Paulo, o financiamento já estava sendo feito.

O sr. Getúlio Vargas — Tanto assim que o sr. Corrêa e Castro declarou que ia a São Paulo para ouvir os interessados.

O sr. Vitorino Freire — Sim, para ouvir os interessados. Mas posso afirmar a v. excia. que, antes da ida do sr. ministro da Fazenda a São Paulo, já o Banco do Brasil tinha dado ordens para ser feito o financiamento do café. A providência já havia sido adotada pelo ministro da Fazenda.

O sr. Getúlio Vargas — As ordens não estavam sendo executadas.

O sr. Vitorino Freire — Posso afirmar a v. excia. que estavam.

O sr. Getúlio Vargas — Tenho documentos para provar em contrário.

O sr. Vitorino Freire — Aguardo, neste caso, a apresentação desses documentos.

O SR. IVO D'AQUINO — O aparte do sr. senador Getúlio Vargas já me satisfaz, porque prova que as providências foram tomadas; antes ou depois, mas o fato é que houve providências do sr. ministro da Fazenda e que, depois da sua ida a São Paulo, ficou perfeitamente normalizado o mercado do café naquele Estado.

Já que o nobre senador se referiu à viagem do sr. ministro Corrêa e Castro ao Estado de São Paulo, cumpre-me acrescentar que, na sua visita àquela capital, s. excia. diligenciou medidas não só referentes ao café mas também a respeito de outros assuntos que se relacionavam com o comércio e com a indústria daquela região.

Achava-me na capital de São Paulo, ao mesmo tempo em que lá estava o sr. ministro da Fazenda e senti desde logo, o ambiente de confiança, de tranquilidade, restituido àquela grande Estado, com as providências e as promessas feitas, da atuação do Governo em relação ao comércio e à indústria paulistas.

Ora, sr. presidente, um governo, que assim procede, e que, por in-

termédio do sr. ministro da Fazenda vai pressuroso ao encontro das aspirações das classes produtoras, é índice de que, real e sinceramente, quer sentir os anseios e as solicitações sociais do seu povo.

Se, por algum momento, o pânico tomou conta dos espíritos e desconfiança houve de que o governo da República se retraía para acudir os justos reclamos dos produtores em geral, essa desconfiança desapareceu. E a Nação pode ficar convicção de que o Governo, por todos os seus órgãos de administração, estará sempre solícito em atender, dentro de uma política econômica-financeira sã, a todos os reclamos das classes produtoras.

Posso mesmo dizer ao Senado que conversei com o sr. Presidente da República, a respeito do assunto, que toma a atenção da Casa, expus-lhe, com franqueza, meu pensamento, e de s. excia. recebi a confirmação de que eu poderia vir ao Senado afirmar em seu nome, que o Governo da República não desamparará a todas as atividades econômicas sãs, que concorrerem para o fortalecimento do comércio, da indústria...

O sr. Vitorino Freire — E da lavoura.

O SR. IVO D'AQUINO — ...enfim, de todas as atividades produtoras do país.

O sr. Ribeiro Gonçalves — Folgo em ouvir a declaração de v. excia., pois é tremenda a crise que está atravessando, presentemente, o comércio de exportação de cera de carnaúba do meu Estado, produto cujos preços têm caído sensivelmente. Que o Governo peça a atenção do sr. ministro da Fazenda, para aquele recanto do país, a fim de que também sejam amparados os exportadores de cera de carnaúba do meu Estado.

O SR. IVO D'AQUINO — Certo estou de que o sr. ministro da Fazenda, com o elevado espírito público que possui, estará disposto a atender a todos os Estados do Brasil, com a mesma solícitude e justiça com que atendeu ao Estado de São Paulo.

Quero, ainda, expor, para demonstrar ao Senado o espírito que orienta o Governo, o que falei ao sr. Presidente da República, a respeito da situação angustiante, não apenas dos industriais, mas dos construtores brasileiros, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Embora seja da mais alta conveniência que os Institutos apliquem suas rendas e reservas com as finalidades sociais objetivas e específicas de sua organização, dizia eu ao sr. Presidente da República não ser aconselhável que, de repente, fosse retirada a assistência àqueles que, já havendo iniciado construções vultosas, não poderiam paralisar as obras sem o risco iminente de falirem.

O sr. Vitorino Freire — Grande parte das reservas dos Institutos estão comprometidas nos Bancos, em depósitos a prazo fixo.

O SR. IVO D'AQUINO — Sempre foi minha opinião que as reservas monetárias dos Institutos não podem ser aplicadas senão tendo em consideração dois fatores: um, o remunerativo, necessário à assistência dos próprios Institutos, o outro, de fins sociais, para atender às necessidades de seus associados.

Ora, aconteceu que os Institutos por qualquer defeito de orientação, empenharam-se mais em construções urbanas e de elevado custo do que própria e precipuamente na construção de habitações para os seus associados. Mas, diante do fato consumado, a retirada repentina da assistência que vinha sendo dispensada aos construtores que já iniciaram suas obras com acordos de financiamento já feitos nos Institutos, ocasionaria, sem dúvida alguma, dezenas de falências, que, por sua vez, arrastariam ao desemprego milhares de assalariados, absolutamente inocentes nas transações que se tinham operado.

O sr. Bernardes Filho — V. excia. permite um aparte? (Assentimento do orador) — Parece que v. excia. está fazendo ligeira confusão, porque há construções iniciadas com financiamento problemático, e outras, iniciadas, e baseadas em contratos com os Institutos. A meu ver, é fora de dúvida que, se há contratos, os Institutos precisam cumpri-los, porque, do contrário, terão de responder por perdas e danos. Algumas dessas construções, aliás, na sua maior parte, foram iniciadas na expectativa de obterem financiamento, sem compromisso ou obrigação dos Institutos, de modo que é preciso fazer a diferenciação que me parece justa e cabível no caso.

O SR. IVO D'AQUINO — V. excia. tem razão, mas parece-me que nas minhas palavras nada há que contrarie o que v. excia. acaba de dizer.

O sr. Bernardes Filho — V. Excia. englobou. Há construção paradas, independente da falta de financiamento.

O SR. IVO D'AQUINO — S. Excia. interrompeu minha exposição exatamente quando eu ia dizer ao Senado as providências que o governo da República pretendia tomar para resolver a situação dos construtores, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

O pensamento do governo é fazer com que as construções já iniciadas com financiamento perfeito e acabado...

O sr. Vitorino Freire — E autorizado.

O SR. BERNADES FILHO — Isto é, contratadas.

O SR. IVO D'AQUINO — ... não possam ficar paralisadas.

O sr. Bernardes Filho — V. Excia. sabe que há financiamento aprovados e outros cujos contratos não chegaram a ser assinados.

O SR. IVO D'AQUINO — É intenção do governo, daqui em diante, restringir os financiamentos para apartamentos de luxo, feitos pelos Institutos. Minhas palavras têm apenas uma finalidade: não discutir o mérito do assunto, mas prover que o governo da República tem a preocupação de dar assistência a todas as classes e nunca que a falência dos particulares desteve, nem está, no seu propósito corra de culpa ou da ação do governo.

Quis apenas, Sr. Presidente, exemplificar um fato. E posso afirmar que a palavra do Sr. Presidente da República não é outra senão a que foi expressa pelo Sr. Ministro da Fazenda nas declarações feitas ainda há poucos dias no Estado de São Paulo. E satisfação tenho eu de, perante o Senado, afirmar mais uma vez que o propósito do governo, embora mantendo uma orientação financeira econômica dentro de um programa, não é ir até uma deflação de crédito que traga a ruína nacional.

O sr. Getúlio Vargas — V. Excia. — dá licença para um aparte? (Assentimento do orador) — Quero felicitar-lo pelo brilho com que V. Excia. está defendendo suas idéias e declarar, muito a pesar meu, que não posso ouvir o restante do seu discurso. Sou forçado a retirar-me para atender compromisso urgente.

O SR. IVO D'AQUINO — A declaração que V. Excia. me fez já me honra bastante e fico-lhe grato.

Sr. Presidente penso que posso terminar estas considerações e fazê-lo com o espírito tranquilo, porque, embora convicção de que o Brasil necessita de medidas administrativas enérgicas para deter a inflação, que se acelerou de modo ameaçador, não é intenção do governo praticá-las sem atenção aos interesses legítimos dos que são verdadeiramente produtores ou colaboradores da riqueza nacional. A estes, certamente, não atingirá a política da seleção racional dos créditos.

Os brasileiros, portanto, não podem deixar de depositar confiança no primeiro magistrado da Nação...

O sr. Vitorino Freire — Muito bem!

O SR. IVO D'AQUINO — ...que, mais de uma vez, em horas muito mais amargas do que o momento atual, demonstrou seu elevado espírito de imparcialidade e o equilíbrio de sua vontade no servir ao Brasil sem desmerecer da dignidade e da responsabilidade do alto cargo que recebeu do povo.

Sr. Presidente, penso que posso terminar minha oração, alegando que, o senhor Presidente da República não pode ser acusado, em momento algum, de sua atuação como governante, de se ter afastado da sinceridade em que se apresentou para receber os sufrágios nacionais, pois a eles, obediente e disciplinado, sempre se inspiraram os mais honrados estadistas brasileiros.

O Brasil pode, pois, ficar tranquilo. E eu, afirmando-o em nome do Partido que represento nesta Casa, certo estou de que sua opinião outra não é, senão a de todos os brasileiros que confiam e acreditam de continuar a confiar — na elevação e no patriotismo com que o general Eurico Gaspar Dutra dirige os destinos da Nação. (Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é cumprimentado.)

(Do "O Jornal", de 24-5147.)

Rio, 21.--«O Jornal», na sua edição de hoje, escreve: Os comunistas não lograrão, com os seus insultos e calúnias, abalar a solidez do Governo. Igualmente não conseguirão perturbar a ordem material do país, para o que não possuem força».

O Estado

Florianópolis, 1 de Junho de 1947

CONFERENCIARAM COM O SR. NEREU RAMOS

RIO, 31 (A. N.) — Esteve muito movimentada ontem a sede da Comissão Executiva do PSD. O sr. Nereu Ramos, após manter longa conferência com o sr. Cirilo Junior recebeu ainda, em conferência, o senador Benjamim Galotti e os deputados Orlando Brasil, Bias Forte e Gustavo Capanema.

Recebe instruções de Moscou

Montevideu, 31 (U. P.) — O presidente Tomás Berreta anunciou que repeliu o oferecimento de colaboração do Partido Comunista Uruguaio, alegando que esse partido recebe instruções diretas de Moscou.

Berreta declarou ao Gabinete que os congressistas comunistas o visitaram ontem afim de perguntar-lhe se o assunto do comunismo havia sido discutido entre ele e o presidente Gaspar Dutra, durante a entrevista na fronteira.

Berreta informou aos comunistas que se aquilo era uma interpelação, ele não estava disposto a responder, mas se era um desejo de saber em caráter amistoso, não via inconveniente em informar que o assunto do comunismo não foi discutido na fronteira.

O presidente Berreta declarou que é notório que esse recebe instruções diretas de Moscou, acrescentando que isso ficou demonstrado com as táticas legislativas, ao procurarem os comunistas interpellar os ministros das Relações Exteriores e da Defesa Nacional, na recente sessão do Congresso.

Acreditava na colaboração que os comunistas lhe ofereciam, pois recordava que os comunistas ofereceram uma colaboração similar ao seu predecessor, Juan José Amezcaga, apenas para ser mais tarde vítima de injustos ataques.

Dr. Nunes Varela

De sua viagem a Joazebo, regressará amanhã a esta Capital o dr. Antônio Nunes Varela, líder da bancada pessedista na Assembléia Constituinte Estadual.

S. s., que naquela próspera cidade do oeste catarinense foi alvo das mais inequívocas demonstrações de apreço por parte de seus amigos e correligionários, será recepcionado por seus pares, em seu regresso.

Ao líder da bancada majoritária, apresentamos nossos votos de boas vindas.

A campanha do "promin" Expressiva contribuição dos alunos do «Curso Antonieta de Barros

A campanha lançada pelo sr. e sra. Adalberto R. da Silva, no sentido de angariar fundos para a aquisição de "promin" — o milagre medicamento para a cura da lepra — tem encontrado o melhor acolhimento da parte da generosidade catarinense.

Entre os muitos movimentos que a ela se ligaram, destacamos, hoje, a expressiva contribuição prestada pelos alunos do «Curso Antonieta de Barros».

Empenhando-se para que os hanseáticos recuperem a saúde, aqueles bons alunos, ora vendendo papel, ora desfazendo-se de utilidades, conseguiram angariar a significativa importância de Cr\$ 232,00, que ontem trouxeram a esta Redação, afim de ser encaminhada ao seu destino.

Tão bela demonstração de solidariedade humana recomenda sobremodo a nobreza d'alma dos jo-

vens estudantes e ainda o modelar estabelecimento de ensino onde ilustram o espírito e aformoseiam o coração, sob a esclarecida solicitude da exma. sra. prof. Antonieta de Barros.

Que o exemplo fale bem alto a toda a nossa juventude estudiosa, para que muitos senão todos os internados na Colônia Santa Tereza, possam voltar ao convívio social.

DR. SAULO RAMOS

Especialista em moléstias de Senhoras.
Alta cirurgia.
Horário: 9 às 12
DIARIAMENTE

CRÔNICA DA SEMANA

Quando a cidade de Florianópolis, nossa modesta, pacata e estimadíssima Florianópolis — nos permite o gozo de um sábado de imaculada tranquilidade e o transecurso de um domingo exatamente idêntico a todos os demais domingos de que temos lembrança, chegamos a parecer, então, pura fantasia e invenção o que por aí se diz quanto à evolução do mundo, à transição de costumes, à quebra de tradições, à vertiginosidade da vida atual, e outras coisas semelhantes.

Fala-se em novo surto de cultura, de atividade; em reestruturação social e em novos horizontes de idéias, mais amplos e dilatados; em evolução e desenvolvimento das instituições, de seus objetivos e modos de ação. Um verdadeiro renascimento econômico, social, cultural se estaria operando no mundo hodierno, como resultante dos ensinamentos colhidos da catástrofica luta que findou há pouco. No entanto, nossa Capital, quanto nos é dado sentir, não está tomando conhecimento pleno dessa ebulição progressista que sofre o universo. O comodismo emoliente da rotina, que embora é paraliza as faculdades, não possibilita a expansão plena de novos ideais ou a ressurreição de antigos, injustamente esquecidos e relegados. Entretanto, não é absolutamente a falta de valores individuais que determina esta plácida e improdutiva imobilização de nossas melhores energias.

X X X

No rol das velhas realizações que estão a exigir restauração imediata e alento novo e impulsionador, está a Academia Catarinense de Letras. Viva apenas na lembrança de seus antigos membros, bem está a merecer essa Casa das leras e da cultura de Santa Catarina que lhe seja restituída a posição de destaque e relevo a que faz jus. E, porque não se haverá de fazê-lo?

São vários os componentes da mesma que ainda hoje honram a intelectualidade do Estado com o brilho de sua cultura. São inúmeros, também, os das gerações novas que têm mérito para se unir aos primeiros e apresentar o coeficiente valioso de seu sangue jovem no desenvolvimento dessa instituição, que constituirá a norteadora de toda a atividade intelectual e literária de nossa terra, a exemplo do que já ocorre em quase todos os Estados do Brasil.

Cumpria-nos fazer a sugestão, que aqui fica... Quem de direito, esperamos, tomará a iniciativa da realização.

(CHING)

Ignorância ou gratidão?

Em processo regular, obedecidas todas as formalidades de lei, garantidos plenamente os movimentos da defesa, o mias alto Tribunal Eleitoral do país, por tres votos contra dois, cassou o registro do Partido Comunista do Brasil.

Efetivando o venerando arresto, o Poder Executivo determinou as providências necessárias, iniciadas com o fechamento das sedes do partido.

Nada mais fez o Executivo do que lhe cumpria fazer: executar uma decisão da Justiça Eleitoral.

Contra o caso julgado e contra os seus julgadores, os comunistas mantiveram-se respeitosos. Ao Executivo, no entanto, se atiraram com a violência selvagem de feras mal feridas. O eminente Chefe da Nação passou a ser coberto de escarneo pelos moscovitas indígenas através da imprensa e dos seus representantes na Câmara e nas Assembléias Estaduais. De tal forma os vermelhos desencadearam a sua virulência contra o primeiro magistrado da Nação; de tanto desceram em palavrões e injúrias; de quanto "procuraram lançar ao ludíbrio e ao descrédito as nossas instituições e o nosso próprio país"; que geraram não só reação desagradadora, como ainda sardia revolta em todos os círculos sociais e políticos do Brasil. Em virtude da intemperança de linguagem dos comunistas — relata um telegrama do Rio — "até os parlamentares que se mostravam dispostos a sustentar a validade dos mandatos dos prestistas, passaram a encerrar o problema sob outros aspectos".

Pois bem! Em Santa Catarina, na sua Assembléia, ante-ontem, o sr. deputado Alfredo Campos, do PSD, solicitou expressasse aquela Casa "a sua irrestrita e incondicional solidariedade ao Excmo. Sr. Gal. Eurico Gaspar Dutra, D. D. Presidente da República, face aos injustificados, insólitos e desrespeitosos ataques que vêm sendo feitos à pessoa de S. Excmo., pelo Partido Comunista, por motivo das medidas tomadas pelo Chefe do Executivo, para cumprimento da decisão do Egrégio Superior Tribunal Eleitoral, que cancelou o registro daquele partido".

Submetida ao plenário, essa moção logrou apenas os aplausos e os votos da representação pessedista, e uma declaração da bancada do PTB, condenando os ataques injustos, de qualquer procedência, ao Chefe do Poder Executivo.

Os deputados udenistas fugiram ao voto. Começaram por indagar se a moção tinha caráter político-partidário, como se ela estivesse redigida em dialeto de língua desconhecida.

Não quiseram, os udenistas, compreender, nessa moção explícita entre as que mais o sejam:

1º — que ela visava condenar ataques "injustificados, insólitos e desrespeitosos", à mais alta autoridade da Nação;

2º — que esses ataques são feitos pelo Partido Comunista;

3º — que o motivo desses ataques são "as medidas tomadas pelo Chefe do Poder Executivo Federal, para cumprimento da decisão do Egrégio Superior Tribunal Eleitoral, que cancelou o registro desse partido".

O líder minorista, depois de vacilar como pêndulo de relógio, de lá para cá e de cá para lá, encontrou a porta da ignorância para sair: s. s. ignora os ataques a que se referia a moção. É de passar que o líder de uma bancada minoritária não conheça nada, nem por "ouvir dizer", do movimento político nacional e não saiba nem sequer a situação do seu partido nesse movimento. S. s. lembra até o símbolo japonês dos três macacos: "não vê, não fala e não ouve".

O seu mundo, é um mundo sem que o percebam os sentidos humanos. A imprensa não existe; o rádio ainda não foi inventado. Se assim, será aceitável o comando que deu à bancada: ficar passiva, sem a coragem de assumir uma atitude.

Fôra daí a explicação deve ser procurada mais remotamente: na gratidão aos comunistas pelos votos de 19 de janeiro.

Como se lê na Argentina

B. Aires, 31 (U. P.) — Segundo uma estatística organizada recentemente pelo salão de leitura do palácio de Correios e Telégrafos de Buenos Aires, sobre cujas mesas se encontram inclusive jornais brasileiros, é a capital argentina a cidade latino-americana que mais papel de impressão gasta, dando o grande número de suas publicações e sua circulação. A circulação total dos jornais de Buenos Aires de todos os tipos e nos mais diversos idiomas, chega atualmente a 2.500.000 exemplares — 50.000 menos do que o número de seus habitantes. Esses jornais são hoje 59, sendo 19 de informação geral espanhol e 40 de categoria mais restrita.

CANTO DE PAGINA

XIII

De lógica, confessamos, pouco entendemos. Todavia, nem por isso, deixamos passar gato por lebre. É possível, face a crise econômica atual, que compreemos nabos em sacó. Afinal de contas, embora um pouco indigesto, contém vitaminas.

Nos insurgimos, porém, quando nos querem impingir um ponto de vista, claudicante e incoerente. Ai, é que a lógica que possuímos para o gasto, começa a fazer induções e deduções.

Foi essa lógica que entrou a funcionar sexta-feira última, depois da Sessão da Assembléia.

O Presidente José Boabaid, chamando a atenção dos deputados presentes, disse:

"Os senhores deputados que aprovam a moção de solidariedade ao Presidente da República, por mandar cumprir a decisão do Superior Tribunal Eleitoral, que cancelou o registro do Partido Comunista, queiram permanecer sentados".

Com espanto verificamos que somente a bancada do PSD votou favoravelmente à moção. Os demais deputados se levantaram. Os da UDN, do PTB e do PRP. Até aí nada de novo. Havíamos compreendido a história, pois o voto é simbólico. Os que permaneceram sentados votaram a favor da moção. Os que se levantaram votaram contra.

Mas — agora é que a nossa lógica entrou em jogo — os líderes dos três partidos que votaram contra quiseram justificar o voto. Do que ouvimos e vimos durante a justificação, nem bom falar.

Depois de votarem contra não é possível se admitir que tenham "votado em branco". Que história é essa? O deputado populista disse no final da sua justificação: — "voto em branco". O líder da minoria que até então, por falta de saída, estava a favor da moção, pegou o peão na unha e disse que votava como o deputado populista. Logo votou em branco". O deputado trabalhista foi o que mais custou a votar; só depois de muita insistência do Presidente é que tartamudeou: "também voto em branco".

Pegamos no Regimento Interno para ver que história de "voto em branco" é essa. Ficamos na mesma. Dizemos na mesma, porque não podemos conciliar a atitude dos que votaram contra levantando-se, com a declaração que fizeram de que "votaram em branco".

A nossa lógica não é capaz de alcançar tão profunda votação. Confessamos a nossa ignorância e, por isso mesmo, votamos em branco!

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECÇÕES DO
COURO CABELODO.